

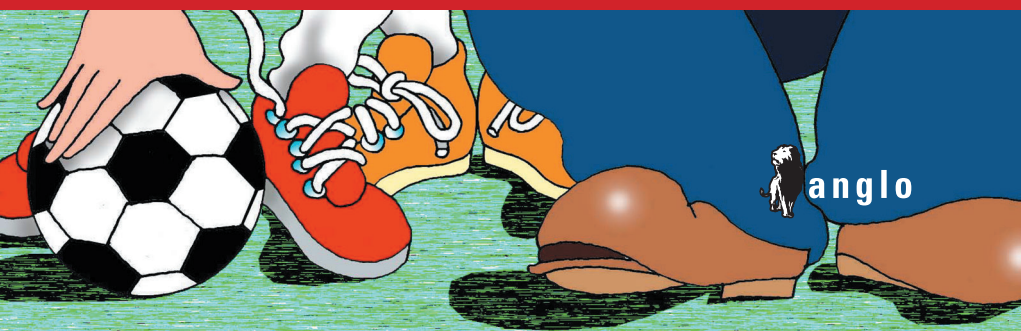


MANUAL
do Professor

Jane Tutikian

Um time muito especial

Ilustrações: Daisy Startari



anglo



Jane Tutikian Um time muito especial

Ilustrações:
Daisy Startari

1ª edição, 2018



anglo

Editor • Henrique Félix

Assistente editorial • Jacqueline F. de Barros

Preparação de texto • Lúcia Leal Ferreira

Revisão de texto • Hêlia de Jesus Gonsaga (ger.),

Kátia Scaff Marques (coord.), Rosângela Muricy (coord.),

Célia Carvalho, Flávia S. Vênezio e Gabriela M. Andrade

Gerente de arte • Nair de Medeiros Barbosa

Coordenação de arte • José Maria de Oliveira

Diagramação • MZolezi

Projeto gráfico de capa e miolo • Homem de Melo & Troia Design

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Tutikian, Jane

Um time muito especial / Jane Tutikian ;
ilustração Daisy Startari. — 1. ed. — São Paulo :
Anglo, 2018.

1. Novela 2. Literatura infantojuvenil
I. Startari, Daisy. II. Título.

18-17100

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil 028.5

2. Literatura juvenil 028.5

Maria Alice Ferreira – Bibliotecária – CRB-8/7964

ISBN 978-85-468-1673-6 (aluno)

ISBN 978-85-468-0696-6 (professor)

1ª edição

2018

Copyright © Jane Tutikian, 1993.

Todos os direitos reservados à Somos Sistemas de Ensino S.A.

Rua Gibaltrar, 368 – Santo Amaro

CEP 04755-070 – São Paulo – SP

Para a Lúcia I.P.E. e as
crianças do Roque Gonzáles,
meu time do coração.

Fora dos padrões?

Por que será que esse time é muito especial?

Uniformes improvisados e rasgados, tênis arreventados, números das camisas pintados à mão e já manchados de suor não davam credibilidade ao time. Dava até vontade de rir. Os jogadores também não eram dos mais comuns. O que mais chamava a atenção talvez fosse o Montanha, com seu tamanho todo. Montanha era mudo, e muita gente achava que fosse bobo, que nunca entendesse nada do que se passava a sua volta. Mas, como zagueiro, arreventava. Ricardo, o goleiro míope que entrava em campo de óculos, fechava o gol. Julinho, ala asmático que a toda hora interrompia a jogada para aspirar sua bombinha contra asma, era o maior artilheiro do campeonato. Havia ainda Cláudia, a armadora endiabrada; Carlos, o lateral direito, o único que parecia certinho e até estudava em colégio particular e... o outro zagueiro do time, que é quem conta para a gente como um time tão fora dos padrões tornou-se tão especial.

Sumário

Um tal regulamento 5

A descoberta da voz 13

O perigo iminente 30

Salve-se um amigo 46

Nem por ouro nem por prata 60

Um time muito especial 73



A autora 82

Entrevista 84

Sobre a obra 87

Um tal regulamento



Não posso dizer, hoje, que nosso time fosse o melhor, mas que era especial, ah! lá isso era!

A começar pelo goleiro, o Ricardo, que enxergava quase nada e usava uns óculos de lentes grossas como fundo de garrafa.

Não tinha bola que não conseguisse pegar, mas, antes, quase matava a gente de susto: esperava que ela chegasse bem perto, tirava os óculos do rosto — porque, se quebrasse aqueles, não teria outros —, botava-os na cintura e aí, sim, defendia.

Isso se passava em milésimos de segundo, mas para nós, até que víssemos a bola presa no seu abraço, era como se o tempo parasse. Assim:



Na zaga, ficava o Montanha. Ele era enorme!

A gente que inventou esse nome para ele. Não falava com ninguém. Uns diziam que era mudo. Outros, bobo. Não importa! Era uma máquina de defesa! Um trator que levava pela frente o que quer que fosse para impedir o gol e abria um sorriso grande, meio debochado, cada vez que derrubava um.

Cláudia era nosso peão. Armava cada jogada de enlouquecer adversário. Se não fosse pelo futebol, no qual era um cracão, era porque era bonita, a danada!

O lateral esquerdo, o Julinho, era dos melhores.

Magrinho e bem preto, entrava na área com facilidade e marcava cada golão de deixar a defesa adversária toda parada, procurando a bola perdida no horizonte, e ela, ali, descansando na rede, decerto vibrando com nossos gritos e abraços, decerto nos perdoando pelos nossos chutes, decerto procurando pelo Julinho. Não é verdade que a bola sempre procura os melhores jogadores? Ou será que os melhores jogadores é que sabem exatamente onde encontrá-la?

Julinho sempre sabia. Estava sempre no lugar certo na hora certa. Só que fazia interromper seguidamente o jogo e, às vezes, até no melhor momento, para usar a bombinha de respirar.

Acho que Carlos, o lateral direito, era o único como os outros. Sabe como é? Todo arrumadinho, toque certo, lado do pé, meio do pé, peito do pé. Explicava nossos erros, pedia calma, muita calma, e montava nossas jogadas ensaiadas. Sabia tudo. Até estudar em colégio particular estudava.

Eu, na outra zaga, não era mais do que um grande sonhador.

É. Acho que foi por isso mesmo que nos inscrevi no campeonato mirim de futebol de salão da cidade.



A gente passou bem pelas eliminatórias e pelas semifinais e, se no começo do campeonato as pessoas não acreditavam muito em nós, agora já nos olhavam com olhos de quem pressente perigo.

E como era bom sentir isso!



Depois do almoço, antes que seu Adolpho abrisse o armazém e eu tivesse que começar as entregas, ficava sentado na calçada,

assim, um tempão, só vendo a Cláudia, feito o Carlos Alberto erguendo a taça, o sorriso bobo do Montanha e os óculos molhados do choro do Ricardo — chorão como ele, só eu — e o Julinho interrompendo a volta no campo para usar a bombinha e o Carlos imitando o Sócrates na entrevista da *Gazeta da Cidade*:

— A gente fez o que pôde. Foi resultado do esforço de todos, de muito treino e do apoio da torcida.

Eu até podia ouvir os gritos e assobios e palmas e ondas que vinham das arquibancadas.

O pessoal do coleginho tinha até faixas com o nosso nome escrito, e nosso nome vibrava, dançava, pulava.

Pedaços de papel picado ficavam voando, voando no meio da poeira da cancha e do carnaval.

Só que...



O sonho explodiu feito balão de gás, quando não nos quiseram deixar entrar em campo na final.

O treinador do outro time, Dr. Celestino, que também era promotor na cidade, entrou com um recurso alegando que nosso time não estava de acordo com o regulamento.

Havia, sim, toda aquela torcida que eu tinha imaginado. O pessoal do coleginho e do Colégio Particular e até do Seminário estava todo lá. Tinha até faixas e uma bandinha, que não parava de tocar músicas de carnaval.

O papel picado vinha flutuando de mansinho ao encontro da gente, mas.

Em vez da alegria do sonho, nós ficamos mesmo foi atordoados.

O juiz não nos deixava ultrapassar os limites amarelos da quadra e aquela gente toda gritando, gritando, gritando.

Foi Carlos a perguntar:

— Afinal, qual é o problema?

Só que não havia resposta.

O juiz, sem nos olhar muito, insistia, cheio de gestos de cabeça e de braços, que não jogaríamos, e o Dr. Celestino nos olhava de uma maneira estranha, enquanto o outro time aguardava dentro da cancha.

As pessoas foram se chegando em volta de nós. Uns empurravam. Outros riam. Outros vaiavam.

Havia quem quisesse dar no juiz — j-u-i-z eu nunca vou ser, pensei —, “seu filho da puta”, mas havia também quem dissesse “deixa pra lá”.

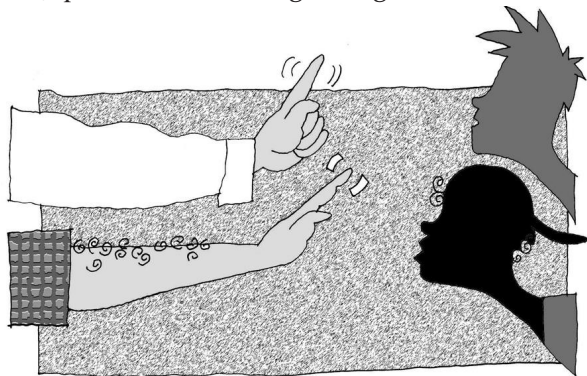


O juiz era o seu Arthur, gerente da agência do Banco do Brasil. Eu até gostava dele. Todas as quartas-feiras fazia a entrega do armazém na sua casa e, então, ia mais tarde, quando sabia que ele estava tomando chimarrão no jardim, só para a gente conversar um pouco.

Ele sabia tudo de futebol, conhecia bem tudo quanto era jogador e ficava um tempão só falando na copa do tricampeonato.

Além disso, eu espiava pela janela, tinha uma sala inteira cheia de livros e eu ficava pensando que lá, no meio deles, devia ter muitos de poesia e, então, ficava olhando, olhando e pensava que, um dia, ia ter coragem de pedir para ver de perto cada um daqueles livros, tocar, com a ponta dos dedos, tocar cada um deles como quem toca no maior tesouro do mundo e, talvez, até pedir algum emprestado para levar para a minha casa e tudo.

Um dia, quando tivesse coragem. Agora não.



O Dr. Celestino andava junto com o juiz. Assim: grudado: num mesmo passo: num mesmo gesto: para lá e para cá: que *não* com as mãos: que *não* com a cabeça.

E, se, por um momento, o seu Arthur parou e nos olhou e, por um momento, demonstrou que poderia ceder quando balançou a cabeça, afinal são apenas crianças, para que tanto rigor, se tornássemos um pouco mais flexível o regulamento e se. O Promotor não permitiu e a voz dele era a única que, feito trovão mais forte do que os outros, conseguíamos ouvir.

— Onde já se viu goleiro de óculos?

Ele perguntava como se estivesse fazendo um discurso para toda a plateia que, na verdade, só queria saber do jogo.

Caminhava de um lado para o outro. Agia como se, com gestos largos, estivesse num tribunal.

No meio do barulho, as pessoas nos olhavam como se fôssemos, não réus, mas raros.

— E este bobo que nem sabe quem é?

O Montanha fechou os olhos com força e enrugou a testa como se estivesse fazendo um grande esforço para não avançar no Dr. Promotor.

Colocamos, todos, a mão no seu ombro.

Por quê? Não sei e naquela hora não havia muito para pensar sobre o que se fazia ou deixava de fazer. Talvez porque nós mesmos tenhamos nos sentido bobos. Talvez para defendê-lo. Talvez para nos certificarmos de que ele não avançaria. Mas. Talvez, muito mais, para dizermos que, para nós, afinal, ele era o Montanha e sabia que era o Montanha.

— E esta menina? Jogando futebol como um homem em vez de estar em casa brincando de fazer comidinhas para as bonecas! Onde está sua mãe que não enxerga isso? — Isso era as roupas de menino que usava para jogar. Também, não queria que a Cláudia jogasse de sapato alto, não é? — Você não tem mãe, menina?

•

Sabia que não por perto.

Toda a cidade tinha comentado quando a dona Laura decidiu ir embora, principalmente as senhoras do Clube do Chá da Prefeitura, que passaram um bom tempo, tardes inteirinhas, fazendo suposições de como ela tinha fugido com um homem, embora ninguém tivesse certeza de que ela tinha fugido com alguém.

O professor do noturno, sem explicação nenhuma, deixou a cidade no mesmo ônibus de dona Laura.

Cláudia ficou doente. Só chorava. Não comia.

Seu Adolpho dizia que a mulher havia morrido. Mas, quando se perguntava por que, não sabia responder e também chorava e não comia.

As pessoas ficaram preocupadas com eles. Todos os dias, o Padre dava uma passadinha no armazém e conversava um pouco. Rezava por eles. O Promotor também ia.

O Dr. Celestino estava cansado de entrar e sair do armazém e perguntar como ele estava e como estava a menina. Estava cansado de saber.

•

Desta vez nos juntamos à Cláudia, que olhou para um lado e para o outro com aquele perfil de boneca loura e dengosa que tinha e piscou uma lágrima e disse um palavrão tão feio, mas tão feio que todos os que estavam por perto disfarçaram e fingiram não ter ouvido.

Definitivamente, o Dr. Celestino não sabia com quem estava lidando!

Houve, depois, risos e aplausos e pedidos de bis, mas ela não repetiu e, no meio do perigo, a gente teve que rir juntos.

Mas ele não se abalou, não:

— E este asmático raquítico? Tem atestado médico para jogar?

De nada adiantara o Julinho ter respirado fundo e levantado os ombros.

O buraco da crise — era assim que ele dizia: fica um buraco no meu ar —, o buraco da crise já se tinha aberto e, quase sem poder,

ele tratava de tirar a bombinha cinza de Aerolin do elástico da cintura do calção. Nessas horas, ele ficava quase azul.

— E este meio, meio, meio... — entre um meio e outro, aquele gesto feminino da mão dobrada.

O meio era eu.

Por um momento pensei que, talvez, ele não soubesse como dizer ou, se sabia, não sei e quase ajudei, bicha, mas. Tive uma vontade enorme de rir e ri.

No meio de todo aquele tumulto e as pessoas gritando e batendo e empurrando, mal consegui me olhar. Assim: meus pés, minhas pernas, meu corpo e meus braços magros e pequenos e mal consegui olhar para o meu time todo feio e desarrumado e pobre e.

Os tênis que arranjamos para o Montanha ficaram sem bico porque os dedos gordos e sujos não cabiam dentro deles.

A camiseta do Julinho estava muito mais para vestido com aquela magreza toda.

Nossos números havíamos pintado, nós mesmos, com aquarela e tinham ficado uma droga. Pior: agora, uma droga escorrida de tanto suor.

A camisa do Ricardo, de goleiro, era justa e curta e tinha lá uns enfeites pequenininhos de florzinhas. Era a única preta que tínhamos conseguido, a blusa da mãe do Carlos.

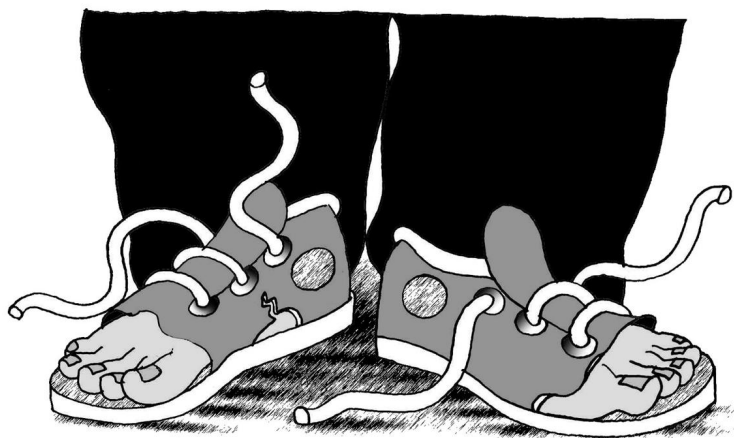
Dava, mesmo, uma vontade danada de rir, mas nosso time era o que nós éramos e a vontade de rir não era de deboche, não, era só de tanto carinho.

Por entre uma fresta, entre braços e ombros que, vez que outra, se tocavam, pude ver aquele outro time no meio da quadra.

Era todo arrumadinho! Até de meia tudo igual! Até de tênis tudo igual!

Eles festejavam a vitória de um jogo que nem tinha sido jogado. Isso me fez pensar em coisas que o seu Adolpho me dizia e eu fingia não levar a sério. Será que a vida é mesmo assim? — me perguntei. — Será que os vencedores nem sempre são os que vencem?

Não!



Não queria pensar assim. Isso era pensamento para o seu Adolpho, que já estava velho. Se acreditasse nisso, as coisas todas ficariam muito difíceis. Viver ficaria difícil e tudo o que eu queria acreditar era que teria uma chance de luta e de busca e de esforço e de trabalho e, da luta e da busca e do esforço e do trabalho, a vitória.

Teria sonhos maiores do que aquele jogo e não queria, por nada deste mundo, eu não queria destruí-los antes de se fazerem sonhos.

No olho do Promotor, na alegria do outro time, no *sem jeito* do seu Arthur, na torcida indo embora, entre braba e divertida, eu descobri que, claro, estávamos mesmo fora do regulamento.

Claro, tínhamos mesmo grandes diferenças.

Embora olhasse em volta e até procurasse aflito, a gente não tinha alguém que fosse grande e falasse por nós. Pensei no seu Adolpho, na dona Lúcia I.P.E., no pai do Carlos...

Não. Ninguém.

Naquela hora, tínhamos só o nosso coração e ele, meio machucado, nos chamou tanto para perto um do outro que saímos do Ginásio da Prefeitura, mesmo sem ter sido de propósito, saímos abraçados, os seis, deixando para trás, ainda, gritos, discussões, risadas, música, barulho.

Na tristeza dos nossos onze, doze anos, a gente não entendia muito o que tinha acontecido, mas.

Sentíamos forte, aqui dentro do peito, que o jogo já não valia mais muito: nós, o time, é que valíamos mais.

A descoberta da voz



Foi aí que a gente descobriu mesmo o valor da amizade, embora esse negócio de ficar falando em valor, de ficar medindo e pesando coisas que são sempre maiores, porque são sentimentos, sempre me irrite um pouco e, depois, a nossa amizade, a gente sabia disso mais do que qualquer pessoa, valia muito mais do que o valor.



Quer apostar?



Essa história do jogo nos deixou muito mais unidos. Pela manhã, íamos para o colégio e como só tinha uma turma de cada ano no coleginho – como todo mundo o chamava, porque o Particular era grande –, frequentávamos, todos, o 6º ano da professora Lúcia.

Para a Diretora, ela era a Lúcia I.P.E., de Instituto de Previdência do Estado, porque estava sempre se queixando de alguma dor, ou no estômago, ou na cabeça, ou de cansaço.

A verdade é que ninguém poderia nos aguentar mesmo, assim, juntos, sem nenhuma dor.

A Cláudia era a pior da classe. Embora soubesse menos, sempre achava que sabia mais e discutia parelho com a professora e, aí, não havia o que não dissesse, de tanto desaforo.

Teve até um dia em que a dona Lúcia I.P.E. começou a chorar, na aula mesmo, e, então, ficou um silêncio geral e eu fiquei com muita pena dela, porque lágrima de adulto dói muito mais do que lágrima de criança.



Por que será que lágrima de adulto dói muito mais do que lágrima de criança?

Talvez porque não se pode pegá-lo no colo, com carinho, e oferecer balas e pirulitos e uma história tão bonita e divertida que o faça esquecer o choro.

Talvez porque lágrima de adulto seja de uma outra natureza: seja, ela mesma, portadora de sua própria e imutável história, do seu próprio e imutável sentimento.

Talvez... Eu não sei. Só sei que a gente fica sempre tão impotente, tão sem saber o que dizer quando um adulto chora! Isso vai passar, vai passar...

Eu não queria nem olhar.



Eu sentava, sempre, perto da janela.

Não conseguia ficar preso numa sala, por muito tempo, principalmente quando a aula era de Matemática, porque os números não me atraíam, porque os resultados tinham que ser os mesmos, para todo o mundo, porque colocavam limites para um sonhador como eu.

As palavras, sim.

Com as palavras eu criava, mentia, ganhava e perdia. Com elas eu mudava coisas e descobria gente e lugares. Eu me transformava e crescia.

Com elas construía mundos grandes e pequenos, feios e bonitos, que, às vezes, precisavam sair pela janela para encontrar qualquer coisa ou qualquer pessoa do mundo de verdade.

É que as palavras são magias rápidas, instantâneas: P O N T E S, mesmo quando dizem o contrário do que querem dizer.

Não havia nada na janela e eu fiquei pensando no que não queria olhar, na lágrima azul do olho azul da dona Lúcia.



Não aguentei, pedi que ela não chorasse mais, que a Cláudia não achava mesmo aquilo tudo o que tinha dito, embora eu nem soubesse mais o que tinha dito, não é Cláudia?

Ela fez que sim com a cabeça e pediu desculpas.



Cláudia era assim mesmo.

Tinha um jeito delicado, uma voz meiga e, de repente, nem combinava com ela o modo como ficava braba e por qualquer coisinha partia logo para a briga. Mas durava só aquele tempinho. Assim: como uma grande explosão. Logo depois, ela agia como se nada tivesse acontecido.

Cansara de fazer assim comigo e, quando eu pensava que estava de mal comigo para toda a vida, já tinha passado e, então, era a maior amigona que alguém poderia desejar.

A gente podia contar com ela para tudo. Era uma malcriada de coração grande.

Pronto! Que lá estou eu, de novo, medindo coisas, lá estou eu medindo o coração.



Mas, então, a dona Lúcia I.P.E. chorou muito mais.

Com uma mão na cabeça e a outra que massageava o estômago, disse que tinha dedicado sua vida às suas crianças e que nós éramos, para ela, os filhos que nunca teria.

Um monte de gente chorou junto com ela, mas.

De nervoso, entre um chiado e outro e já meio azul, o Julinho riu, porque o Julinho sempre ria quando ficava nervoso.

Dona Lúcia ficou mais braba ainda, disse para Cláudia que se a turma não a respeitava mais era por sua culpa e saiu.

Ficamos todos calados.



No olho de cada um, um tanto de medo.

Tinha gente com a cabeça deitada em cima da carteira. Outros com o olhar molhado e vazio. Outros, ainda, querendo matar a Cláudia e escalar o Julinho.

Sabíamos que aquela saída da professora significava tempestade próxima, e porque éramos, nós mesmos, o nosso bote salva-vidas, Julinho, Ricardo e Cláudia vieram para bem perto de mim e da janela.

Lá fora, eu não encontrava nada.

Nossos olhos eram corações batendo de modo desordenado.



Não demorou muito para que dona Adélia, a Diretora, invadisse a sala marchando, porque ela sempre marchava quando estava braba e, depois de um olhar de cão furioso para a turma, daqueles que, pronto para atacar, rosna até pelos olhos, deteve-se em nós quatro.

Ricardo, Cláudia, Julinho e eu, quanto mais nos olhava, nos sentíamos murchar na cadeira, feito desenho animado.

Pedi que Cláudia a acompanhasse.

Eu queria ter ido junto.

Por um momento pensei em olhar para a Diretora, sem medo. Pensei em levantar e colocar a mão no ombro da Cláudia e dizer que era responsável por ela — afinal, era assim que me sentia —, mas. Um ar gelado me atravessou o estômago. Uma respiração ligeira e difícil. Os joelhos tremendo. O coração tremendo.

A janela.

Quantas coisas, ainda, tinha querido fazer na minha vida e não fiz por falta de coragem?



Dona Lúcia I.P.E. voltou e continuou a aula como se nada tivesse acontecido.

A gente só notava que tinha acontecido alguma coisa porque, vez que outra, dava um longo suspiro e colocava as mãos no estômago.

Muito tempo depois, Cláudia entrou na sala de cabeça baixa e com os olhos inchados.

Desprotegida.

Pegou os livros e saiu sem dizer nada.

Os números começaram a dançar na minha frente e veio uma vontade de vomitar que só controlava olhando pela janela. Por que eu não era o Super-Homem? Por que eu não podia fazer mais do que realmente podia?

Julinho teve que sair mais cedo por causa de uma crise de asma e saiu mal, sem olhar para ninguém.

Ricardo, com os olhos franzidos, tentando enxergar o que estava escrito no quadro-negro, não parava de morder a alça dos óculos.



Ficou em mim um vazio que não saberia explicar.

Sabe quando uma tristeza grande vai tomando, aos poucos, vai tomando conta da gente e termina engolindo a gente inteiro?

Sabe quando o ilimitado da janela passa a terminar na própria madeira apodrecida e cheia de cupim da janela?

E os vidros quebrados são somente vidros quebrados?

Era assim.

Tudo e nada.

Queria ter ido junto e queria ter ficado. Tinha medo de não poder fazer nada.

Às vezes, quando eu pensava no mundo, assim como ele é, com as coisas ruins que tem, porque ele não é só bonito, eu tinha medo de não poder fazer nada.

Um vazio, apenas.



Quando o sinal tocou, saí correndo, nem passei em casa nem nada, embora estivesse morrendo de fome, e fui direto para o campinho onde a gente jogava.

Já estavam todos lá.

Cláudia tinha os olhos inchados e o nariz vermelho.

Montanha, Ricardo, Julinho e Carlos pareciam estar chegando de um enterro, que enterro é sempre triste.

Perguntei, logo, por quanto tempo era a suspensão, e o Ricardo, com os olhos franzidos e os óculos na mão, respondeu baixinho, de cabeça baixa, que para sempre.

Pensei que não tivesse ouvido bem e insisti na pergunta, mas já irritado o Julinho gritou:

– Para seeeeeemmmmmpppppprrrrrrreeeeee!



Para sempre é muito tempo!, pensei.

Para sempre pode ser do tamanho de uma vida independente do tamanho da vida!

Para sempre é alguma coisa que a gente perde no tempo. Assim:

, como um branco, um vácuo, um túnel sem fim, quando para sempre é nunca mais.

– Para sempre, sempre? – perguntei de novo.

Fiquei pensando no nosso último jogo e uma bola trancou na minha garganta. Aquela coisa de querer pedir socorro e esperar que alguém faça alguma coisa. Sem pedir. Sem ninguém fazer.

– Tu já contaste na tua casa? – arrisquei.

– Meu pai me mata!

- Mas e se ele fosse no coleginho falar com a Diretora?
— Não! Ele me mata! — Cláudia estava muito aflita, mas.



Matava mesmo!

Seu Adolpho era um alemão grande e forte, com cara de brabo, que não admitia o que chamava de bobagens e, a tudo o que se falava, exclamava bobagem!, com o *b* que era um *p* e o *g* que era um *ch*.

Quem o imitava bem era o Julinho. Ficava assim: *popachem*. E, se ele usava seu tom de voz mais grave, o melhor era sair de perto.

Eu sabia bem o que esperava Cláudia em casa por todos os xingões e os tapas de que me esquivava nos dias em que trabalhava na entrega do armazém, mas.

Sabia, também, que, quando passasse o ataque de raiva, seu Adolpho choraria junto com a filha, como criança grande, se sentiria culpado, lamentaria a partida da dona Laura, choraria mais ainda e, depois, guardaria Cláudia num grande abraço, só para ele, tentando protegê-la do que ele entendia ser a vida.

— Vamos dar um jeito, vamos sim. Isso tudo é uma grande bobagem — diria.

Eu gostava disso nele.

Embora brigasse comigo e, às vezes, eu tivesse vontade de mandá-lo para aquele lugar mesmo, virar as costas e ir embora, sentia, às vezes, que ele me protegia e gostava disso.

Nos dias em que estava bem e tinha pouco movimento no armazém, ele apoiava os dois braços no balcão, colocava a cabeça à frente das linguças dependuradas no fio de arame e perguntava:

— E daí, guri?

Eu vibrava!

Sentava num caixote e ficávamos conversando durante muito tempo.

Falávamos sobre tudo: futebol; minha mãe: não vê o trabalho que ela passa, a coitada! Tu precisa ajudar em casa, hem?; o coleginho: está tudo cada vez mais difícil, mais trabalho e menos dinheiro para quem não tem estudo, não me venhas com bobagens porque tem que estudar; meu futuro — isso era uma coisa com que ele realmente se preocupava. Quanto a escrever livros, ficava pensativo, não dizia nem que sim nem que não. Talvez porque essa fosse uma porta do mundo à qual não tivera, nunca, acesso.

Mas o que ele mais gostava mesmo era de falar das mulheres.

Quando dizia “gostosa”, então, aí seu sorriso se alargava e a dentadura de cima começava a dançar na boca.

Terminávamos, sempre, rindo muito quando atribuía qualidades às partes do corpo das que passavam na calçada.

Bundas e seios jamais escapavam até que a sua mão de dedos grandes e unhas sujas cortava o ar:

— Vamos deixar de bobagem que, com este jeito de sonso aí, estás me saindo um grande de um malandro!

Era hora de trabalhar.



Já há alguns dias que ele vinha me prometendo que, quando chegasse a hora, me levaria à “Casa das Moças”. Era como se fosse uma responsabilidade que tinha tomado para si e tomado a sério.

Eu, embora não visse a hora de que a hora chegasse, ficava muito nervoso de pensar numa mulher nua à minha frente e me olhando e sorrindo com uma boca muito vermelha no meio daquele cabelo crespo oxigenado e me chamando vem e eu não sabendo o que fazer, vem, assim, de não saber nem o que falar!

e não sabendo, mesmo, começar aquilo, vem, e as mãos dela, de unhas grandes e roxas, me tocando, me agarrando, vem, se é que eu é que tinha que começar.

Tinha visto num filme e era assim. Talvez, na realidade, na realidade, não fosse, mas o fato é que eu precisava falar com ele sobre isso antes de ir lá, até porque os meus sonhos com a Kid Abelha – Uau! A Paulinha! – de biquíni e tudo na beira de uma praia deserta, à noite, apenas o barulho do mar e de uma fogueira, que ardia lentamente na parada do tempo e só nós dois – os Abóboras Selvagens eu tinha deixado fora de cena –, e só nós dois nos olhando, muito perto um do outro, nos aproximando sem pressa nenhuma, mais e mais, mais e mais, sempre terminavam aí e eu acordava ansioso e suado.

Claro que não ia contar para ele sobre mim e a Kid Abelha, mas a gente precisava falar antes de me levar lá.



Só que com a Cláudia não queria arriscar.

Eu ficava olhando para ela enquanto uma mistura de sentimentos tomava conta de mim.



Minha relação com ela era totalmente diferente da relação que tinha com a Kid Abelha.

Era como se a Cláudia fosse minha.



Eu sabia tudo dela! Às vezes sabia o que estava pensando e até o que ia dizer e, se fechava os olhos, não importava onde estivesse, se fechava os olhos, podia vê-la direitinho, cabelo, olho, boca, nariz, corpo, perna, pé e gostava de vê-la sorrindo para mim.

Eu ficava assim um tempão vendo-a sorrir para mim e, às vezes, até podia ouvir sua voz. Sem dizer nada. Apenas a voz no meu ouvido.

A verdade é que eu gostava dela.

Nem sei bem quando é que isso começou, mas era uma coisa muito forte dentro de mim.

Eu gostava dela.

Só não tinha coragem de contar nem para ela nem para ninguém.

Já pensara em falar sobre isso com o seu Adolpho, podia inventar que era uma outra menina do coleginho e tudo, mas acho que, se ele descobrisse quem era, matava era a mim!

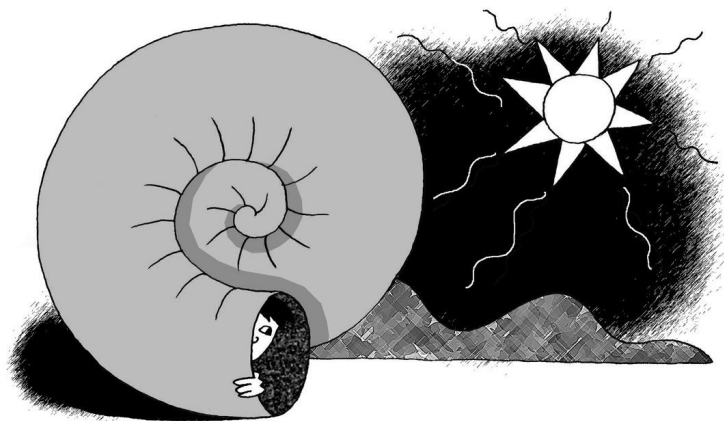
Queria namorar com ela, pegar a sua mão, dar um beijo na boca — Uau! beijar na boca! Dava até tonteira de imaginar como seria —, mas.

Por mais que quisesse, não sabia como fazer e, se sabia, não conseguia.

Primeiro teria que vencer a mim mesmo numa luta para a qual sentia que não estava, ainda, preparado. Essa coisa de ser tímido sempre me atrapalhou demais.

Só de ensaiar:

— Cláudia, eu gosto de ti — sentia o sangue subir para o meu rosto e me deixar todo vermelho e com uma enorme sensação de fracasso.



Às vezes, eu não gostava nem um pouco de mim.

E ela, ali, precisando que eu pegasse a sua mão com carinho e que emprestasse o meu ombro para chorar mais um pouco e que lhe desse um abraço e que dissesse que eu mesmo iria falar com a dona Adélia e não disse nada.

Tremia da cabeça aos pés e me odiava e odiava a dona Adélia e a dona Lúcia e todo o resto.

No futebol, meu abraço, depois de um gol, era sempre o mais longo.



Coube a Carlos a decisão.

— Eu acho que não adianta nada a gente ficar aqui chorando. Precisamos fazer alguma coisa.



Carlos tinha mesmo um jeito de herói.

Eu achava isso o máximo nele. Já tinha pensado, até, que ele era como eu queria ser.

Quando crescesse, decerto seria presidente da República.

Eu? Queria ser poeta.



Teria, antes, que ter a coragem de pedir para entrar na biblioteca do seu Arthur. Com certeza lá tinha livros ainda melhores e mais interessantes do que os da biblioteca do coleginho. Não! Falar assim me faz sentir meio culpado. Com certeza lá encontraria outros livros que ainda não tinha lido.

Na próxima entrega das compras, talvez. Chegaria como quem não quer nada. Mesmo querendo tudo.

Ele haveria de querer falar do nosso último jogo, se justificar, mas eu diria que estava tudo certo e que nosso time não estava de acordo com o regulamento mesmo e que a gente nem conhecia este tal de regulamento, mas já tinha passado. E, aí, num só fôlego, eu diria que só o que não passa são os livros.

Ele, certamente, me olharia admirado.

Eu, então, falaria dos poetas e da poesia.
Ele, então, mais surpreso ainda, me perguntaria:
— Mas tu gostas de poesia?
E eu, dizendo que sim, recitaria, emocionado, Fernando Pessoa:

O poeta é um fingidor
Finge tão completamente
Que chega a fingir que é dor
A dor que deveras sente.

E os que leem o que escreve,
Na dor lida sentem bem,
Não as duas que ele teve,
Mas só a que eles não têm.

E assim nas calhas de roda
Gira, a entreter a razão,
Esse comboio de corda
Que se chama coração.¹

Claro! Fernando Pessoa seria minha chave de acesso à biblioteca sonhada!

E eu já me via acarinhando a lombada dos livros. Abrindo, ao acaso, abrindo em uma página qualquer e lendo um verso, dois, como quem quer, devagar, absorver tudo, guardar para sempre, num prazer, mais do que de alma, completo, também físico.

Seria assim. Depois da entrega, sentaríamos os dois no jardim. Seu Arthur tomando chimarrão. E falaríamos dos livros que lemos, dos versos que ficaram, dos mundos que descobrimos, descobrindo sentimentos.



¹Fernando Pessoa — Autopsicografia. In: *Poesias*. Lisboa: Ática, 1970. p. 237.

O Montanha olhou um olhar de o quê?



Incrível isso de como os olhos das pessoas falam do coração!
A gente pode até mentir com a voz, mas com os olhos... eles fogem na hora da mentira. Eles contam tudo.

Acho que só eles guardam a palavra inteira e tudo o que a gente sente.

Eles até choram...

Os olhos do Montanha falam mais do que qualquer um de nós, que falamos.



— Eu vou até a casa da professora Lúcia — disse Carlos.

Montanha olhou que ia também.

Julinho e eu levantamos junto com o Ricardo.

Cláudia pediu ajuda para levantar.

Sáímos, os seis, abraçados do campo.

Na porta da casa, o Julinho estava branco, o Montanha inchado, eu tremendo, a Cláudia chorando.

Só o Ricardo, apesar de ter os óculos na mão e ele fazia assim diante de qualquer situação difícil, e o Carlos pareciam bem.

Eles bateram juntos.

A professora se mostrou surpresa quando nos viu, mas nos fez entrar.

Do meio da sala apertada e escura, não pude deixar de notar que estava abatida, de olheiras marinho embaixo do olho azul e tudo.

Decerto sentia como sente uma mãe que expulsa o filho de casa, pensei.

Mãe expulsa?

Antes que ela perguntasse por que estávamos lá, Carlos começou a falar.

Ele tinha jeito para isso.

Mostrou que não tinha sido de coração e nem tão grave, até porque não tinha sido uma briga diferente das outras brigas que tivera com a menina — e apontava Cláudia, que fazia sua melhor cara de vítima enquanto o ar do orador se tornava mais grave e, se o Julinho e eu tínhamos vontade de rir, também não podia esconder meu olhar de admiração que, um dia, talvez, Carlos fosse um advogado de defesa muito importante. Essa coisa de vocação de que já ouvira falar.

Vez que outra, com os olhos muito franzidos, Ricardo puxava um coro a que seguíamos compenetrados:

— Por favooooooooooooooooooooo!

— Por favooooooooooooooooooooo, profssssssssssssssora!

E foi simplesmente o máximo quando o Carlos concluiu:

— Pedimos e esperamos, sinceramente, que a senhora reconsidere, dona Lúcia.

— Por favooooooooooooooooooooo!

— Por favooooooooooooooooooooo, profssssssssssssssora!

Primeiro, ela ficou parada, pensando, olho azul meio distante e quem sabe para dentro dela mesma, brigando, disfarçadamente, brigando com uma lágrima que teimava em chegar.

Depois.

Um depois que para nós seis foi quase uma eternidade, começou a falar sobre o gesto bonito e sobre essa coisa de solidariedade, olhando sempre para o Montanha e o Carlos, provavelmente porque eles não faziam parte da nossa turma, no coleginho, mas.

Então foi decisiva:

— A gente tem que aprender, desde cedo, que tem de arcar com a responsabilidade por aquilo que faz. Eu aprendi quando era muito jovem e, se foi doloroso, não me tirou pedaço, ao contrário, me fez amadurecer. Agora chegou a vez da Cláudia, tanto eu avisei, tanto eu falei, mas ela não descobriu, ainda, que não se pode sair por aí desrespeitando e magoando as pessoas por nada.

Com medo, olhei para a Cláudia. Pensei que começaria tudo de novo, que ela fosse responder, mas. Acho que já tinha aprendido, sim, a lição. Não colocou as mãos na cintura. Não cuspiu no chão. Não passou o pé em cima. Não mandou longe. Aliás, não disse sequer uma palavra.

— Agora chegou a vez da Cláudia aprender — continuou dona Lúcia. — Não queria que tivesse sido preciso ser essa a lição.

Caminhou para a porta, abriu e disse, ainda, que para ela também estava sendo difícil.

Embora nos indicasse o caminho para a porta, não nos mexemos.



Não estávamos dispostos a sair dali daquele jeito.

Nós não estávamos felizes, ela não estava feliz e se ninguém estava feliz, por que, afinal, tinha que ser assim?

Qual é a graça de viver, se a gente não vive para ser feliz?

Ninguém dizia nada.

Ela, porque já tinha encerrado o assunto.

Nós, porque não tínhamos mais o que dizer.

Ficamos assim:

. O silêncio estava pesado demais, só o que se ouvia era o chiado do Julinho, que não parava de olhar para os seus pés, com medo de rir.



Não tinha adiantado a gente ter lutado pela gente?



Foi, então, que o Montanha começou a emitir um som rouco e difícil como um bicho, enquanto — com gestos grandes e brutos — dizia coisas que não conseguíamos decifrar, embora entendêssemos que ele, simplesmente, queria que a Cláudia ficasse bem e ficasse na escola.

A professora, assustada, pedia que ele se acalmasse, caminhando de um lado para outro, como quem não sabe o que fazer, tropeçando no sofá floreado.

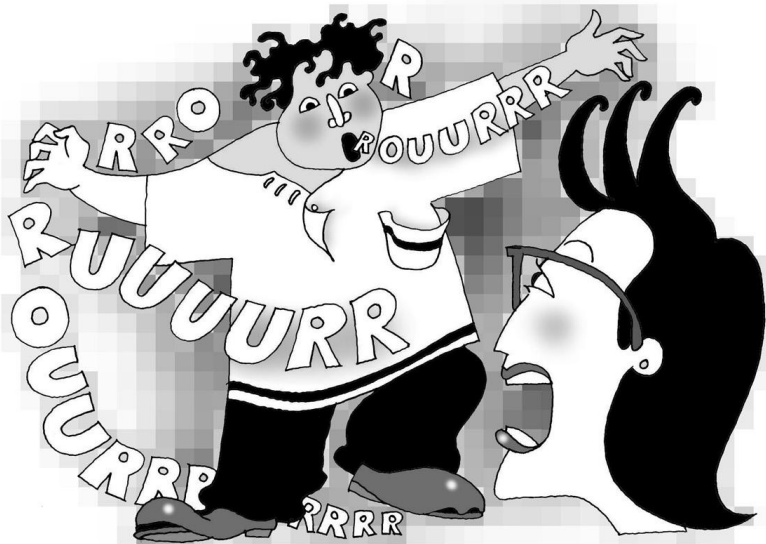
Só que pedir não adiantava.

Cláudia o abraçou. Nunca tínhamos visto o Montanha daquele jeito!

O que ele emitia eram os sons mais tristes e aflitos que eu jamais ouvira em toda a minha vida de quase 13 anos. Peguei sua mão.

Ele só parou quando dona Lúcia segurou-lhe o rosto, com as duas mãos, pediu por favor, ela faria o que ele quisesse, e o que ele queria nós todos sabíamos.

A lição era não magoar e já tínhamos, todos, aprendido. Disse que falaria com a dona Adélia para que pudéssemos começar tudo de novo.



Abraçamos dona Lúcia I.P.E., que parecia exausta.

Abraçamos a Cláudia, que parecia não acreditar.

Só não abraçamos o Montanha porque, de repente, ele não estava mais lá.

Naquela noite, eu, que era um eterno esfomeado, não quis nem jantar nem nada.

Minha mãe ficou preocupada, não tinha almoçado!, pensou em febre, em gripe, em garganta, essas coisas todas que as mães pensam primeiro quando notam que os filhos não estão bem. E mãe sempre nota.

Disse, apenas, que estava muito cansado e estava.

Ela me abraçou, falou qualquer coisa sobre matar, de novo, o banho e as “roscas” pretas no meu pescoço e a cor dos meus joelhos e dos meus pés e do “cascão” atrás da orelha e me colocou na cama, de calção e tudo, em cima do lençol branco que, afinal de contas, mãe é mãe, ora!

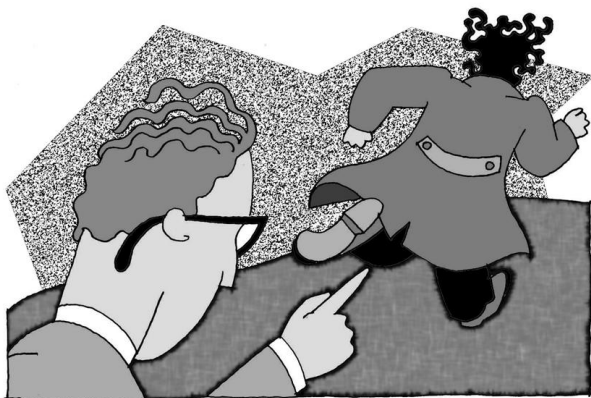
Quando apagou a luz, disse que me amava.

— Eu também.

E fechei os olhos.

Fiquei pensando no último jogo, quando ninguém falou por nós e, então, pensei no Montanha e no que tinha acontecido e foi uma sensação estranha a de me dar conta de que tínhamos, sim, voz. Ainda que feita dos sons mais estranhos, voz.

O perigo iminente



No dia seguinte, encontramos o Montanha dormindo na entrada do coleginho.

Como não pensei que ele tivesse ido para lá? Afinal, era onde ele sempre estava, quando não estava conosco, e, nos recreios, ficava com o rosto mais feio, ainda, marcado pela tela que separava o pátio da rua, olhando e rindo um riso aparentemente vazio.

A gente, que já tinha se acostumado com ele lá, nem estranhava mais. Pensando bem, foi assim que ele entrou na nossa vida: com o rosto prensado contra a tela, na hora do recreio, apenas olhando e rindo um riso aparentemente vazio.



No início, a gente bem que ficou com um pouco de medo. — Puxa! Que medo não tem pouco nem muito, é medo, mesmo, e só! — Principalmente as meninas, que, em grupos pequenos e que depois iam aumentando, chegavam devagarinho, devagarinho, perto da cerca e, aí, saíam correndo com aqueles gritinhos ridículos que só elas sabem dar.

E, então, começavam as conversas:

— Eu acho que é um maloqueiro.

— Eu acho que é um louco! — gritinhos nervosos.

— Ai! Meu pai disse para não chegar perto.

— É mesmo, minha mãe disse que é muito perigoso, até contou a história de um que roubou uma guria lá em São Paulo.

— Ai que medo!

E os gritos se confundiam com risinhos nervosos e pulinhos rápidos no mesmo lugar, para começarem tudo de novo: reunirem-se em grupos, chegarem devagarinho perto da cerca e saírem correndo...

Me dá até vontade de rir. Imagina! A gente ficou com medo do Montanha!

Ele era diferente de nós. Meio gordo, meio sujo, as roupas velhas, meio grande... Pronto! Lá estou eu medindo de novo! Ele não era meio gordo, não: era gordo. Não era meio sujo: era sujo. Não era meio grande: era grande.

E não dizia nada, só ria.

Depois, ele foi deixando de ser novidade. As meninas pararam com aquela história que já estava ficando chata e a gente foi mesmo se acostumando com ele.

Todo o mundo que passava pela tela lhe dava um pedaço de merenda. Ele aceitava tudo.



Teve um dia, desses em que o inverno começa a querer mostrar sua cara cinza e triste, que o Julinho trouxe um casaco que tinha sido do seu avô e deu para o Montanha.

Era um casaco horrível, sabe?, daqueles de fatiota cheirando a defunto, além disso, era enorme, mas.

O Montanha vestiu logo e, com os olhos, mostrou logo que tinha gostado, enquanto, com poucos gestos, nos fazia entender que era quentinho, quentinho.

Bom, aí, a gente é que ficou louco de contente e procurou outras coisas em casa.

Umas calças compridas do pai do Carlos, as botas de borracha da mãe do Ricardo, uma camisa do irmão do Julinho, um cinto meu, um blusão, todo embolotado na barriga, do seu Adolpho e pronto. Ele estava pronto para atravessar os meses de frio que tínhamos pela frente.

E, naqueles dias de outono, em que o sol ainda é muito quente, o Montanha, já preparado, andava, com as bochechas em cor de brasa, suando como torneira que a gente esquece aberta.

Então, ele não nos largou mais, depois daquele dia, e começou a nos acompanhar ao campinho.

Às vezes, ele até chegava primeiro e, quando a bola rolava, ficava parado olhando, olhando.

Não sei o que se passava na sua cabeça, mas era estranho o jeito como ficava atento.

Acho que foi por pura gozação que o Ricardo perguntou se ele queria jogar e lhe passou a bola.

O pobre do Montanha, pego de surpresa, ficou enlouquecido de felicidade. Os olhos dele, sim, é que eram duas bolas e o seu sorriso, de tão grande, começou a tomar conta de nós.

Depois de comemorar, no ar, um gol que ainda não tinha feito, ele carregou a bola como um verdadeiro craque, deixando a gente com cara de bobo.

Agora, o Montanha era dos nossos.

Não ficava, nunca, sem comida e, quando estava muito difícil, a Cláudia e eu dávamos um jeito de distrair seu Adolpho e tirar do armazém um pão com linguiça, que era o que ele mais gostava.

Às vezes, a gente não resistia, porque ele comia de um jeito como se nos dissesse tão bom com os olhos e com a boca e com as mãos, e a gente terminava comendo com ele.

Mas não era só isso o que se dividia, não.

Quando ele me ajudava nas entregas do armazém – e tinha que ficar me esperando lá na esquina para o seu Adolpho não ver porque não queria mais empregados: “Já tenho tu para me atrapalhar o bastante com tuas bobagens”. – quando ele me ajudava nas entregas do armazém, fazia questão de levar sempre o mais pesado e ficava todo contente quando eu dizia que ele era muito forte. Eu dividia com ele o dinheiro da entrega e até a gorjeta.

Geralmente gastávamos as duas partes em gibis, que, aos domingos, trocávamos na porta do cinema.



Eu gostava mesmo era de gibi antigo.

Eu gostava do Fantasma.

Aquela roupa que ele usava. Aquela caverna misteriosa. O trono e o anel da caveira. Os pigmeus. Tudo despertava em mim uma mistura de medo e curiosidade e prazer.

Acho que é isso o que as pessoas chamam de fascínio.

O Fantasma me fascinava.

Às vezes, esquecia de tudo e ficava pensando que eu era ele e andava pela floresta montado no meu cavalo branco e com meu cachorro Capeta, enquanto milhares de olhos, dos pigmeus – eram sempre os olhos do Julinho –, me acompanhavam e eu procurava a Diana.

Quando a encontrava, ela era a Cláudia e, sempre, no final, eu a levava para a caverna da boca da caveira e a gente casava e tudo. Acho que eu achava muito triste morar sozinho lá. E ficávamos, os dois, na sala do trono, com as tochas de fogo presas às paredes nos iluminando.

Então, um arrepio percorria meu corpo e o meu estômago, e o meu sexo se modificava e eu tratava de dormir como podia.



A professora Lúcia I.P.E. perguntou pelo Montanha, de onde ele era? quem eram seus pais? onde morava?

Nós quatro, Ricardo, Julinho, Cláudia e eu, nos olhamos surpresos.

Nunca tínhamos pensado nisso antes e não soubemos responder como ela queria.

Ele tinha vindo da tela que separa o pátio da escola da rua, simplesmente, era um dos nossos e nós cuidávamos dele, simplesmente isso.

O nome verdadeiro?

Era o que tínhamos dado e nos bastava.



Aliás, nem sempre os nomes dizem tudo das pessoas e, então, é preciso modificar um pouco.

Quer ver?

O Júlio, por exemplo, não era Júlio, era Julinho. O Carlos não era só Carlos, precisava ser alguma coisa assim como Carlos Eduardo, Carlos Augusto, sei lá! A Cláudia, uau!, a Cláudia sim era bonita e tinha um rosto tão delicado quanto o nome. Era Cláudia, sim, mas, quando a gente começasse a namorar, eu já tinha decidido: ia se chamar Claudinha.

E o Montanha?

Puxa! Nenhum outro nome seria melhor para chamá-lo do que Montanha!

No dia do aniversário do Ricardo, a gente fez ele tomar banho e tudo e arranjou umas roupas “novas” para ele ir à festa, assim: de calça *jeans* e tudo, mas por mais que a gente o enfeitasse e que ele lambesse, com a palma das mãos, aquele cabelo crespo, ele não deixava de ser o Montanha.



Dona Lúcia mandou para ele uma caixa de bombons, que comemos todos sentados no meio do campinho.



Foi nesse dia que o Carlos chegou com a notícia de que ouvira o Dr. Celestino fazendo perguntas ao seu pai sobre aquele menino bobo, amigo do seu filho, que anda largado por aí.

— Não se pode deixar, estamos sendo coniventes com a sua marginalidade, o que, talvez, possa representar, futuramente, alguma periculosidade — ele disse com a voz grave, imitando o Promotor.

— E o que é isso? — perguntou a Cláudia.

— Isso o quê?

— Isso que ele disse.

— Quer dizer que ele anda atrás do Montanha, não é? — respondeu o Julinho, perguntando.

— É — concordou Carlos.

— Mas para fazer o quê? — insistiu a Cláudia.

— Bom, o que ele quer fazer com o Montanha, eu não sei muito bem, mas eu acho que o meu pai concordou com ele — disse meio chateado, desviando os olhos.



Era assim que Carlos fazia quando estava contrariado, não conseguia parar por muito tempo num mesmo lugar e não conseguia olhar no rosto da gente, ficava olhando para os lados e, então, parava de falar.

Às vezes, não dava nem tempo para se saber o que tinha acontecido.

Às vezes, o porquê era só uma palavrinha a mais que se tivesse dito e que o magoava assim.

Não tinha remédio, fosse o que fosse, não tinha remédio, o melhor mesmo era deixar passar.



Pressenti tristeza no caminho:

— Teu pai disse o quê?

– Nada, com ele eu me entendo.

– Eu sei, mas alguma coisa ele deve ter dito para tu achares que ele concorda com o Promotor.

– Nada, eu já disse que com ele eu me entendo – repetiu olhando para o lado.

Agora, não adiantava mais perguntar nada porque ele não falaria mais.



O que o Dr. Celestino poderia estar querendo?

Por mais que eu pensasse sobre isso, não conseguia achar uma resposta, tudo o que me vinha à cabeça era aquele dia do jogo:

– E este bobo que nem sabe quem é?

– E este meio, meio...?

Não, meu coração não me enganava, aquele homem engomado devia estar preparando alguma coisa.

Ele era mau, a gente já tinha sofrido isso.

Ele era como o Dr. Silvana, aqui-inimigo do Capitão Marvel. Tinha aquele olhar de mau atrás dos óculos e as mãos se esfregando, uma na outra, como quem está pensando, pensando, pensando e.



Ricardo, com os óculos na cintura, propôs um paralítico. Julinho e Cláudia aceitaram.

Quanto a mim, procurei, preocupado, o Montanha, mas ele piscou o olho, levantou os ombros dizendo *não liga* e fomos brincar.

Carlos foi embora para casa.



Risos para um lado. Pernas para o outro. Palavrões. Abraços. Puxões. Cansaço. Suor.

– Me salva!

– Paralítico.

- Não podes mais te mexer!
- Peguei.
- Não pegou não que eu vi.
- Um, dois, três. Salvei.
- Ah! não vale!
- Vale.
- Não vale. Assim não brinco mais.
- Tem gente roubando.
- Ah! Brinca.
- Risos de novo.
- Paralítico!

Braços estendidos. Mãos se tocando.
Despreocupação. Preocupação infantil: o jogo.

- Me salva!
- Aqui!
- Ih! Já não enxergo!
- Sou eu! Aqui!
- Me salva!
- Eu salvo.



Um dia, pensei, respirando cansado o cheiro da noite – porque nenhum cheiro é mais gostoso que o cheiro da noite úmida –, um dia vou transformar tudo isso num poema que vai ser o melhor de todos.

Não. O melhor de todos queria escrever para Cláudia. Queria falar das estrelas e de um sonhador.



Sempre que alguém me perguntava o que eu queria ser quando crescesse e eu respondia:

- Poeta – esse alguém ria.

Tinha vontade de saber por que, mas não dizia nada, apenas ria junto.

Na verdade, nada do que arriscavam:

- Por que não médico?

– Acho que tu darias um bom advogado! – nada do que pudessem dizer me faria mudar de ideia.

Eu queria ser poeta! Eu seria um poeta! As palavras dançavam na minha cabeça, dizendo um monte de coisas. Era como eu podia chegar perto, bem perto das pessoas.

Entre as palavras e os meus sonhos havia uma intimidade quase mágica.

O mundo? Ah! Palavras, juramento e sonhos enormes! O mundo eu transformaria, transformando cada folha branca quando com a delicadeza de um homem e a força da mulher fizesse nascer, dela, a primeira palavra.

Tinha, já, cadernos e cadernos de poemas, mas que eu sabia, mais tarde, seriam apenas poemas de infância.

Os outros, os do livro, estes sim viriam depois e, com paciência, olhando e sentindo o que acontecia em volta e o que acontecia comigo, eu os ia regando de imaginação com traços suaves de vida, às vezes doloridos, às vezes não.

Eu os ia escrevendo dentro de mim.



Uma vez, dona Lúcia me mostrou um texto de uma escritora no qual ela dizia que primeiro era preciso sonhar, depois, acreditar no sonho e, depois, ainda, lutar pelo que se acredita.

Havia dias em que, diante de uma redação minha, na sala de aula, dona Lúcia embarcava no meu sonho e sonhava comigo.

Não sei de momentos em que mais acreditasse.

Via meus livros futuros na estante do seu Arthur



Depois daquele dia, lá na casa dela, dona Lúcia não deixou nunca de perguntar por aquele “nosso amiguinho” e de mandar alguma “coisinha” – ela falava muito “inho” e “inha”, como se tudo fosse deste tamanho. Essas coisas de mulher! – para ele e não se cansava de dizer que gostaria que nos visitasse na escola.

Eu bem que dava os recados para o Montanha, mas, embora pudesse sentir que ficava contente, ele apenas sorria, não me mostrava nunca que iria.

Bem.

Aconteceu.

No fim da aula, dona Lúcia nos chamou, o Julinho, o Ricardo, a Cláudia e eu, e nos contou que havia chegado na cidade e estava hospedada na casa do Dr. Celestino uma assistente social.

Eles tinham conversado bastante e ela estava à procura do Montanha.

— Por quê? — eu logo perguntei. De novo, a sirene do perigo disparou no meu coração.

— Calma, gentinha! Eu ainda não posso dizer para vocês. Recebi apenas o aviso de que me fará uma visitinha hoje à tardinha. Quem sabe se a gente conversasse depois?



Odeio o depois quando o agora é que é urgente!



Combinei com o pessoal, no campinho, logo depois do almoço. Sabia que o seu Adolpho ficaria furioso comigo.

Era dia de entrega!

Mas fazer o quê?

A gente, às vezes, precisa definir o que é mais importante e o mais importante para mim, embora o trabalho fosse importante, o mais importante para mim era o Montanha.



Em casa, perguntei para a minha mãe o que era uma assistente social. Ela respondeu mais ou menos que era uma pessoa que cuidava das pessoas pobres.

Fiquei pensando se Deus não podia, ele mesmo, se encarregar disso.



Amava Deus, mas Ele era um mistério tão grande que não conseguia definir, dentro de mim, o que amava. Se era o fato de Ele ter criado a vida. E quando pensava nas plantas todas e nos animais e nos homens e na maneira como tudo tinha sido organizado no princípio, era tomado por um encantamento que só podia explicar pelo que existia, sim, e de que eu era uma parte, pequena, é verdade, a testemunhar. Armava-se, dentro de mim, uma grande fábula que começava por “era uma vez” e que, se não terminava em “foram felizes para sempre”, era porque as coisas, simplesmente ou tristemente, tinham caminhado mal e Ele não tinha podido impedir. Os homens não matam os homens e os animais e já não estão, também, estragando a água, o ar e o céu?

Não sabia se o que amava eram as histórias que ouvia na aula de religião e quase chorava. O nariz escorria e eu disfarçava, quando pensava Nele caminhando, todo machucado, com aquela enorme cruz nas costas para depois ser pregado como um boneco. Não queria ter vivido naquela época! Não queria ter sabido de tudo isso! Mas, às vezes, ficava pensando que diferença? Que diferença, se o João, o velho doente da frente da igreja, continuava lá e, certamente, morreria lá?

Não sabia se o que eu amava era o olhar complacente que tinha naquela imagem do altar grande, sempre a perdoar, perdoar, perdoar. Queria que não perdoasse tanto!

Sabia, apenas, que o amava e que, quando estava em perigo, quando sentia que o mundo ia mesmo estourar na minha cabeça para não sobrar nada mesmo, podia pensar Nele e, ainda que fosse a última pessoa em cima da terra, poderia sempre pensar Nele e pensava. No meu pensamento, Ele não me deixava sozinho.

Às vezes, discutia com Ele, até dizia que Ele tinha sido injusto e tudo o mais e, quando a discussão era das feias, então brigava para valer, de ficar de mal mesmo e até dizer não acredito mais, mas depois.

Depois, até esquecia de fazer as pazes.
Depois, era como se nada tivesse acontecido.
Eu? Sozinho?
N - U - N - C - A !!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!
O Montanha, decerto, também não.



Estávamos, todos, tão sérios e compenetrados, no campinho, que mais parecia preleção antes de partida de campeonato oficial.

Como não sabíamos o que a tal da assistente social queria, mas sabíamos que era coisa do Dr. Celestino e, portanto, não podia ser boa, decidimos esconder o Montanha, pelo menos até que alguém nos dissesse o que, realmente, estava acontecendo.

— Acho que o quartinho do armazém é um bom lugar — sugeriu a Cláudia.

— Mas e o seu Adolpho?

— Ele fica escondido atrás das caixas e o pai não vai notar, ora!

— Eu acho que pode não dar certo — ponderou o Carlos. — E se o seu Adolpho descobrir, por acaso, que ele está lá e pensar que está roubando alguma coisa?

— Não vai pensar, não — pulou a Cláudia.

— E se pensar? — insistiu o Carlos.



Na verdade, ele era sempre o certinho da turma.

Tudo o que fazia, fazia prevendo consequências. Pensava em coisas em que nunca pensávamos. E eu achava isso demais!

De vez em quando eu me perguntava, e até já tinha conversado sobre isso com o Ricardo, como é que o Carlos podia ser nosso amigo. Ele era tão diferente!

Morava numa casa bonita, andava bem-vestido, era muito educado, vivia lendo e estudando, nunca tinha rodado!

Tão ao contrário da gente!

E o melhor de tudo é que ele conseguia ser tudo isso sem ser, sabe, sem ser bundinha.

Mas foi assim, simplesmente: ele foi chegando, dando palpite, se metendo na vida da gente e pronto.



— Ô, Montanha, não é para se botar a comer as coisas do depósito do armazém! Vê lá, hem? — brincou o Ricardo.

O Montanha apenas ergueu os ombros, enquanto deu um grande sorriso.



Existe sorriso pequeno? Acho que não, apenas breve.



Ele parecia despreocupado. Não sei até que ponto tinha consciência de que poderia estar em perigo.

Ele era assim mesmo, sempre, a não ser naquele dia lá, com a dona Lúcia. Para ele, tudo estava bom.

— Vamos fazer o seguinte: o Montanha hoje fica lá no quarto, pelo menos até a gente falar com a professora, depois — ah! que pressa eu tinha de viver que me fazia odiar ter de ficar adiando as coisas! —, depois, a gente vê o que faz.

— Eu posso falar com a minha mãe e, por uns tempos, ele pode ficar lá em casa — disse o Julinho, mas, como não houvesse muita convicção no seu tom de voz, a Cláudia logo perguntou:

— Ela deixa por uns tempos?

— Bom, eu acho que não muito, mas um pouco deixa.

— Depois a gente vê como é que faz. Vamos começar pelo armazém que, por enquanto, é mais seguro — disse eu — e não vamos falar nada para o seu Adolpho agora, certo?

O Montanha olhou para cada um de nós, para saber opinião por opinião.

Parou no Carlos que, embora contrariado, concordou.

Entramos pelo armazém fazendo barulho, como sempre.

Seu Adolpho ficou brabo, como sempre:

— Ei! Ei! Que algazarra é esta?

— Não é nada, pai, vamos só pegar uma coisa lá dentro.

E fomos entrando.

Era um corredor comprido e estreito, que terminava na cozinha.

Depois, havia uma área onde se amontoavam caixas, pás, um carrinho de mão, uma bicicleta velha e enferrujada.

Coisas velhas e tristes sob uma parreira que já começava a amarelar e a perder suas folhas, de uva.

Lá no cantinho, a porta do esconderijo, um quartinho de madeira muito malfeito, por certo pelo seu Adolpho mesmo.

Mal cheguei à porta da cozinha e senti uma mão enorme, feito os tentáculos enormes de um polvo enorme, tentando pegar minha orelha, que tratei logo de proteger, me esquivando e me colocando, ligeiro, em posição estratégica: do outro lado da mesa.

Não podia, nunca, deixar de rir nestas ocasiões.

Primeiro, ele ficava furioso. E enquanto rodeávamos em volta da mesa, num bailado grosseiro, para lá e para cá, faz que vai e volta, me dava um longo sermão sobre responsabilidade.

— Está pensando que o trabalho é brincadeira?, seu moleque de uma figa!

— E os fregueses? Tu te esqueces dos fregueses? São eles que me dão o dinheiro para te pagar, seu mal-agradecido, seu, seu, seu moleque!

— O que eu vou dizer para os fregueses que ficaram em casa esperando as compras? Que tu estavas ocupado com as tuas bobagens? Hem? Hem?

— Ah! Se eu te pego, te dou o que te falta para aprenderes a ter responsabilidade. Ah, se eu te pego, tu vais ver.

Não pegava. Não pegara nunca!

Depois.

Depois, já todo vermelho e suado e ofegante, colocava a mão sobre o lado esquerdo do peito e com a respiração difícil dizia:

– Está bem, guri, desta vez eu vou deixar assim, mas na próxima eu te despeço, ouviu?

Já tinha ouvido isso tantas vezes!

– Agora vamos trabalhar.

Como sempre, colocou a mão sobre o meu ombro e fomos trabalhar.



Tínhamos ganhado todo o tempo de que precisávamos para esconder o Montanha. Era o que, realmente, importava.



A turma já ia saindo do armazém, tão disfarçada quanto desenho animado, e eu mal pude conter uma gargalhada, que ficou presa na minha garganta: Julinho assobiava, Ricardo olhava para cima, Cláudia puxava o chiclé da boca até fazer um fio do comprimento do braço, Carlos tinha, apenas, um ar de quem insiste que isso não vai dar certo.

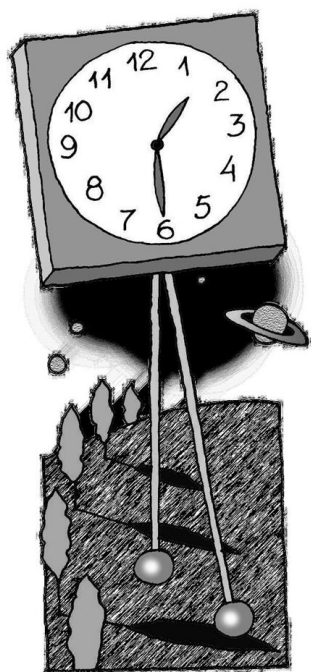
Eu achava que já tinha dado, e a vida tomou seu ritmo aparentemente normal, não fosse pelo olhar curioso, daqueles de um olho só, do seu Adolpho, não fosse pelo Montanha escondido no quartinho dos fundos, não fosse pela expectativa que nos acompanharia até o final da tarde.



Quando a gente precisa que o tempo passe, como ele demora!
Quando a gente quer que ele demore, como ele passa ligeiro!

Onde, exatamente, onde meu tempo se desencontra do tempo?

É num lugar muito mais distante e muito mais bonito do que os dois ponteiros do relógio mais bonito, e eu amava os relógios, sobretudo os velhos, os que já não funcionavam mais; esse lugar ultrapassa o *de verdade* naquilo tudo o que se pode tocar. Certamente meu tempo se desencontra do tempo na minha imensa vontade de viver.



Salve-se um amigo



Sentamos, os cinco, em volta da professora.

Queríamos saber o que tinha acontecido, como tinha sido a conversa e o que, afinal, a tal da assistente social queria com o Montanha.

Dona Lúcia falou de uma moça muito simpática, chamada Areta, que estava preocupada com a vida do menino.

— Mas ela não tem nada a ver com isso! — reclamou a Cláudia e, antes que continuasse a falar, ouviu um pssssssssssssssiiiiiiiiiiiiuuuuuu! prolongado e em coro, porque queríamos escutar.

— Pensem bem — ela disse —, o Montanha mora onde? Quem é que cuida dele?

— A gente, ora! — respondeu o Ricardo bem baixinho.

A professora sorriu ternamente e continuou:

— Ele precisa de alguém que cuide dele, precisa de uma casa, precisa estudar.

Ficamos todos calados. Tínhamos sido pegos de surpresa: nunca havíamos pensado nisso assim.

— E se ele não quiser? — foi o Julinho a interromper o silêncio.

— Na verdade, neste momento, ele ainda não tem escolha, é apenas um menino e precisa ter as mesmas chances que vocês têm.

Como não disséssemos nada, continuou:

— Como é que vai ser quando ele ficar maiorzinho? Cada um de vocês vai terminar achando seu caminho e seguindo sua vida. E ele?



Naquele momento, não queríamos pensar em nosso caminho e muito menos que ele pudesse, algum dia, tornar-se diferente para cada um de nós.

Acho que não queríamos saber nada dessas coisas de futuro — ele que acontecesse, se tivesse mesmo que acontecer! —, porque nos perdermos não estava em nossos planos.

Precisávamos, mesmo, era saber do agora.

Só não tínhamos, mesmo, era coragem de perguntar pelo agora.

— Mas e se ele é feliz vivendo assim como vive? — arrisquei.

— E quem sabe se ele não seria mais feliz vivendo de outra maneira?

Ela respondeu com outra pergunta que sabia que nenhum de nós poderia responder e nos deixou pensando enquanto foi até a cozinha:

— Sirvam-se, trouxe uma jarrinha de chazinho de mate bem geladinho e umas rosquinhas de polvilho bem fresquinhas.

Julinho e Ricardo aceitaram. Nós, não.

— E depois — continuou —, nós nem sabemos seu nome nem de onde ele veio nem como ou porque veio...

— Mas isso não tem importância nenhuma, ora! A gente não se importa não é?

Julinho e Ricardo aceitaram mais chá e mais rosquinhas.

— Eu sei que isso não importa para vocês. São amigos e a amizade basta, não é?

Concordamos, que sim, todos, imediatamente.

— Pois eu fico feliz e muito orgulhosa de que vocês pensem assim. Só que...

●

Pronto! Sempre tinha um *só que* no meu caminho, e o *só que* sempre mostrava que não era bem assim.

●

— ... só que, neste momento, há um outro lado que não podemos deixar de considerar: o lado do Montanha.

— Como assim? — perguntou o Ricardo.

— Eu acho que ser amigo é pensar na gente e no outro também.

— Mas é o que temos feito, puxa! — respondeu a Cláudia.

— Será? Será que, ao contrário, nós não estamos pensando pelo Montanha e não deixando que ele mesmo pense? Será que assim nós estamos respeitando o nosso amigo?

Antes que alguém pudesse responder e eu duvido que alguém pudesse responder porque aquele monte de “será” nos tinha pego assim de supetão, ela continuou:

— Acho que, talvez, se nós pudéssemos saber realmente quem ele é e de onde veio, encontraríamos a melhor maneira de ajudá-lo.

●

Fiquei pensando se poderíamos mesmo ajudá-lo melhor e, olhando para a Cláudia, o Julinho, o Ricardo, o Carlos e para mim mesmo, todos com cara de assustados, de não poder fazer nada, senti um cansaço enorme: descobri que não.

Nessas horas, quando ficava assim, me sentindo uma droga de homem, queria ter uma janela por perto, como se pudessem vir dela todos os superpoderes.

●

— Mas tem mais: e se os pais estão procurando por ele e pensam que aconteceu alguma coisa mais grave? E se aconteceu? E se aconteceu com os pais dele?

Definitivamente, aquela conversa era muito mais do que eu podia aguentar.

•

E se ele for um ladrão de banco ou um assassino? Pensei — ah! abençoada imaginação que me tirou dali, e maldita imaginação que me fez ver o Montanha chegar numa supermoto-espacial, feito Lex Luthor, estacionar diante da Prefeitura Municipal e roubar, do Banco do Brasil do seu Arthur, uma sacola cheinha de dólares.

O Dr. Celestino se colocou à sua frente:

— Seu caminho está no fim, Lex Montanha Lut...

Nem terminou de falar porque o Montanha disparou a sua enorme arma de raio laser e fugiu naquela moto, que clareava a noite com a sua supervelocidade, deixando a cidade quase fantasma do medo que ali plantara, sob o eco de sua risada assustadora, de bobo.

•

Julinho e Ricardo não paravam de comer, dali a pouco não sobraria nem mais o prato!

Aquilo já estava me dando nos nervos.

Será que não sabem que tem sempre uma hora de parar?

Não. Não sabiam e, se soubessem, não conseguiriam: era qualquer coisa mais do que fome.

— Bem... — disse Carlos.

•

Não gostava quando ele dizia *bem*, parecia sempre que ele ia puxar um *não há o que fazer*.

•

— Bem — disse Carlos —, essa tal de Areta veio buscá-lo, é isso?

— É.

•

Uma sensação de abatimento total caiu, de uma vez só, sobre nós.

●

— Mas vai levar para onde? — consegui perguntar.

— Para uma casa grande onde ele vai ter roupa limpa, comida, estudos, onde vai conviver com outros meninos assim como ele, até que dona Areta encontre seus pais.

— E se não encontrar? Ele vai ficar lá para sempre?

— Não, para sempre não. Vai ficar até os 18 anos, até que tenha condições de trabalhar e se sustentar.

●

Pronto! Lex Montanha Luthor havia sido preso.

A tela do coleginho se transformava em intransponíveis barras de ferro.

Ele era prisioneiro de uma linda mulher loura com perfil sedutor de boneca sedutora, mas.

Não ficaria ali por muito tempo. Ah! Não ficaria mesmo!

Seu bando viria salvá-lo.

●

Acho que essa era a principal ideia a não me deixar sofrer naquela hora.

Em qualquer outra, eu já estaria quase chorando e me achando um derrotado e tudo mais.

Só que, agora, seu bando, que era o meu bando, viria salvá-lo.

●

— Bem — repetiu Carlos —, eu acho que isso tudo é muito complicado. Só tinha uma rosquinha no prato, Julinho e Ricardo não tiravam o olho dela.

— Como assim? — perguntou a professora.

— Se não quiser ir, ele vai à força?

— Não é bem assim — ela o tranquilizou.

— Claro que não é! — insistiu a Cláudia e nos olhamos cúmplices. — Acho que ele só vai mesmo é se quiser.

– Também não é bem assim – insistiu, por sua vez, dona Lúcia.
– Então, como é que é? – perguntou, já agitado, o Julinho.
– Creio que dona Areta vai conversar com ele com muita calma e mostrar que ele poderá ter uma vida melhor do que esta que está levando.

– D - u - v - i - d - o ! – disse a Cláudia, com uma pontinha de ironia.

– Para conversar, é preciso achar – retrucou o Julinho, mas, ainda bem, o Ricardo o fez ficar quieto, pisando no seu pé.

E não dissemos mais nada.



Da rua, ainda pudemos ouvir um *pensem bem sobre o que conversamos*.

Essa tal de Areta era uma feiticeira espacial. Já tinha usado seus ultrapoderes para converter dona Lúcia I.P.E.



A noite vinha chegando e nós não dizíamos nada um para o outro.

De repente, as palavras tinham sumido. Era como se tivéssemos sido convocados para nossa maior luta, mas nosso exército era formado apenas por quatro meninos magrelos e uma menina desaforada, enquanto nosso inimigo era muito mais e maior do que um Dr. Celestino ou uma assistente social. Era um monstro enorme, muito maior do que se podia imaginar: a organização do mundo adulto.

Ele tinha garras de um tal poder que dificilmente poderíamos, quatro meninos magrelos e uma menina desaforada, alcançar.



Nessas horas, eu queria crescer logo.

Queria sim, embora, de vez em quando, tivesse um pouco de

medo disso, sobretudo quando via minha mãe chorando, chorando, chorando sem dizer por que, que adulto nunca diz por que, quando chora, para a gente.

Também tinha medo quando encontrava seu Adolpho encostado na porta do armazém com o olhar perdido.

Era sinal de que a tarde que teríamos pela frente seria uma tarde triste.

Decerto o que passava pela sua cabeça, quando estava assim, era toda a sua vida. Uma infância difícil de que, vez que outra, falava: no meio da guerra, de um mundo aparentemente destruído, de tristeza, de fome, de frio, de saudade da gurizada, que ia para a frente de batalha e não voltava mais, dos pais.

Às vezes, quando cochilava debruçado no balcão, gritava e acordava suado.

E quando a gente perguntava o que tinha acontecido, ele simplesmente dizia:

— Bobagem. Coisa de velho, guri.



Essa coisa de velho sempre me emocionou muito.

Sei lá! Ficar olhando um velhinho, não o seu Adolpho, mas um velhinho de verdade, com a mão trêmula, levar à boca porções bem pequenas de alimento e um mastigar lento, arrastado, sempre me deixava meio deprimido.

Achava bonito, porque ele trazia marcada em si mesmo a história de um tempo que tinha sido seu: seu nascimento, sua infância, sua juventude, sua vida, mas também achava triste porque, com certeza, o melhor do seu tempo já tinha passado.

Queria poder saber, agora, qual seria o melhor do meu tempo para que pudesse vivê-lo da forma mais completa e feliz possível.

Não.

Talvez fossem tempos pequenos espalhados dentro do meu tempo grande e, talvez, dentro do seu tempo grande o velhinho

tenha, ainda, tempos pequenos em que seja feliz!

Bastava que tivesse por perto as pessoas que amava porque como a minha mãe sempre dizia:

— Importante são as pessoas, o resto, se der, a gente compra ou faz.



Importante era o Montanha.

Sentamos na borda da calçada, em frente da minha casa, e ficamos assim, sem dizer nada, até que a minha mãe gritou lá de dentro que era hora de dormir.

Naquela noite não dormi direito.

Pessoas entravam e saíam dos meus sonhos sem que eu pudesse segurá-las para mim.



Na aula, sentamos todos juntos, embora estivéssemos proibidos de sentar assim.

Cláudia ao meu lado. Ricardo e Julinho na nossa frente.

Perguntei, baixinho, à Cláudia, se havia visto o Montanha no esconderijo.

Ela disse que sim.

Tinha conseguido levar cobertor, um copo de leite e pão para ele, à noite, e, agora de manhã, quando fora deixar o café, estava dormindo.

Perguntei se ele tinha reclamado de ter que ficar escondido.

Ela respondeu que não:

— Ele até parecia contente! — cochichou.

Era difícil de saber o que realmente se passava dentro do Montanha. Ele sempre parecia até contente!



Embora não estivéssemos perturbando, não conseguimos prestar atenção na aula.

Dona Lúcia ficava falando, falando, falando e a gente não ouvia nada do que dizia.

O Ricardo não parava de desenhar na classe, passando o lápis sempre no mesmo lugar.

Era um amigão, o Ricardo.

Estava sempre pronto para tudo e, raramente, perdia o bom humor.

Sabe aquele tipo de pessoa que acorda rindo e vai dormir rindo?

Ricardo era assim.

Tínhamos crescido pegados, nossas casas eram coladas e, desde bem pequenos, a gente entrava e saía como se fosse uma só.

Passávamos nosso tempo todo juntos.

Quando eu não estava no armazém, jogávamos, caminhávamos, brincávamos, falávamos.

Às vezes, ele ficava por ali, me esperando. Como quem não quer nada, examinava as mercadorias, botava as mãos nos bolsos, contava o dinheiro, tornava a guardar... até que o seu Adolpho descobria do que se tratava e, então, não perdoava mesmo. Mandava o Ricardo embora porque aquele era um local sério de trabalho sério. Ninguém estava ali para bobagens.



Ricardo estava começando a fazer um sucesso enorme com as mulheres.

Acho que porque, atrás das lentes grossas, mostrava os olhos de um verde que elas gostavam e, ao contrário de mim, partia logo para a conquista.

Sempre tinha uma novidade para contar e contava de um jeito que eu nunca sabia até que ponto poderia acreditar; afinal, dizia que todas as meninas do coleginho — menos a Cláudia, é claro! — eram apaixonadas por ele.

Já havia acontecido de eu achar que alguém estava olhando para mim e esticar o peito e esboçar um sorriso e me dar conta, meio chateado, de que era para o Ricardo, que vinha logo atrás.

Dona Lúcia dizia que ele era meigo e a gente ria:

— Hum!!! Homem meigo!!!

Mas acho que era isso. Um certo ar de ternura desprotegida que agradava às mulheres.

Por mais que eu tentasse fazer aquela cara de olhos franzidos — e ele me ajudava na tentativa —, ficava muito mais para engraçado do que para charmoso.



A gente tinha combinado de ir a uma reunião dançante da Igreja qualquer sábado, e até se arriscar a dançar e tudo, se eu tivesse coragem e não ficasse tão nervoso.

E se eu for tirar uma menina para dançar, eu vou dizer o quê? E se ela disser que não? E se as minhas pernas não acompanharem o ritmo? E se eu tropeçar no pé dela? E se a minha mão demonstrar tudo o que estiver tremendo? E se ela quiser conversar? Vou perder o ritmo? E se eu não tiver assunto? E se ela me pedir licença antes da primeira música terminar? E se?

Mas o que queríamos, mesmo, era conseguir beijar alguém na boca. Uau!

A gente ficava discutindo qual seria o melhor jeito para se dar o melhor beijo. Essas coisas de parar de respirar ou não — Ricardo teimava que embaçaria os óculos —, fechar ou não fechar os olhos, abrir ou não abrir muito a boca, encostar ou não a língua, o tempo que deveria durar e tudo o mais.

E, depois, ríamos muito, principalmente quando ele treinava num espelho de rosto que tinha no quarto, até porque os seus beijos eram sempre acompanhados das mais calorosas e engraçadas declarações de amor.

Quando chegaria o amor de beijar?



Ricardo e eu não brigávamos nunca, mas em compensação, quando a mãe dele, do lado de lá, dava uns gritos com ele, então, podia apostar, a minha, do lado de cá, estava dando uns gritos comigo.

E quando, por algum motivo, apenas uma delas era chamada na escola, vinham logo as duas juntas porque alguma sobra para o seu filho deveria haver, e sempre havia.



Dona Lúcia I.P.E. reclamou porque o Ricardo, além de sujar a classe – patrimônio do coleginho –, não estava prestando atenção e o assunto era importante.

Depois, foi a vez de reclamar do Julinho, que não tinha jeito de parar quieto. Ora transformava a cadeira em cadeira de balanço, ora tamborilava com os dedos, na classe, ora passava o lápis na parede de tábua, de corridinha, assim: tec-tec-tec-tec-tec-tec-tec-tec.

Depois, ainda, reclamou da Cláudia, que não parava de dobrar e desdobrar um papelzinho de chicle.

E, então, foi a minha vez, que não conseguia desviar os olhos da janela.

Houve um momento em que ela interrompeu a aula, com jeito de quem estava mesmo perdendo a paciência:

– Mas, afinal, o que é que há com vocês que não estão trabalhando? Não respondemos nem era preciso responder.

Ela, imediatamente, se deu conta do que estava acontecendo e disse, apenas, que no final daria tudo certo:

– Vocês vão ver.

Só então percebi que o quadro-negro estava cheio de exercícios de Matemática, mas.

O Julinho continuava inquieto e o tec-tec-tec-tec-tec-tec-tec-tec do lápis na parede de tábuas já estava começando a me dar nos nervos.

Toquei as costas dele, com o pé, para que parasse.

Não parou.

Tec-tec-tec-tec-tec-tec-tec-tec-tec-tec-tec-tec-tec...

Toquei novamente.

O barulho continuou mais rápido e mais seguido.

Tec-tec-tec-tec-tec-tec-tec-tec-tec-tec-tec-tec...

Toquei a terceira vez e ele gritou furioso para que não chutasse mais as suas costas ou ia me arrebentar.



Ele era do tipo esquentado.

Por qualquer coisinha queria logo partir para a briga e, se a gente não segurasse, partia mesmo, ainda que, no final, saísse em desvantagem, pequeno e magro do jeito que era, e com uma boa crise de asma.

Pensando bem, foi em meio a uma briga que nos conhecemos.

A gente bem que já tinha se visto no armazém, quando ele ia fazer as compras — toda hora ia buscar sabão para sua mãe, que lavava para fora —, mas nem se cumprimentava nem nada.

Houve um dia, entretanto, em que o Ricardo e eu estávamos passando pela praça e o vimos aos socos e pontapés com três alunos do Colégio Particular.

Naquela época, ele mal tinha chegado à cidade e ainda não frequentava o coleginho.

Conseguimos separá-los, mas, de tanta raiva, o Julinho ficou, por muito tempo, chorando e respirando difícil. E o pior é que ele é quem tinha começado tudo.

Era sempre assim!

No futebol, então, nem se fala!

As brigas só não eram brigas feias porque a gente já nem ligava mais.

Acho que a dona Adélia também não.

Há muito que ela lhe vinha dando uma última oportunidade todas as vezes em que ele ia para a secretaria, na hora do recreio, por causa de briga. E isso acontecia seguidamente.

Ele só se acalmava por uns tempos quando sua mãe era chamada no coleginho.

Ah! Aí, sim!

Ele se acalmava porque ela pegava na sua orelha e quase o levantava na frente de todo o mundo e, em meio aos gritos dele, gritava que ainda o educaria, se não fosse por bem, seria por mal e, a julgar pelo que se via, do mal Julinho tinha medo.

●

Apesar de brigão como era, Julinho era um bom sujeito. Era companheiro, não tinha o que não aceitasse fazer conosco, sobretudo se fosse um desafio e, além disso, tinha uma coisa curiosa que nenhum de nós tinha: um amigo invisível.

No começo, a gente até que estranhou um pouco, mas, depois, ficávamos pensando, pelos gestos e risadas do Julinho, que o seu amigo devia ser muito mais forte e interessante do que todos nós juntos, pois ficavam horas e horas falando e trocando socos no ar.

Isso, quando não estavam vivendo grandes aventuras – geralmente na selva, com grandes e ferozes animais e tudo – que só pertenciam a eles mesmos.

●

Dona Lúcia teve que interferir quando ele insistiu que me arrebatava e eu, que já estava meio descontrolado mesmo, levantei:

– Vem.

Ela nos mandou sentar e perguntou se realmente queríamos brigar.

Fiquei pensando se queria brigar com o Julinho e descobri que não. Gostava dele. Era meu amigo.

Acho que ele pensou a mesma coisa, porque dissemos juntos:

– Não!

E o meu amigo abriu um grande sorriso branco, no meio daquela cara bem preta, a que respondi com outro e um aperto de mão.

A gurizada toda aplaudiu.

Dona Lúcia se emocionou.

Mas a Cláudia arriscou baixinho, no meu ouvido:
— Depois, lá na rua.
Respondi que aquilo era assunto resolvido e sentei.



Tinha vontade de fechar os olhos e ficar bem quieto, longe de todo o mundo.

Tinha vontade de abrir a janela, criar asas e sair voando em direção a lugar nenhum, apenas voando, voando, voando. Assim:

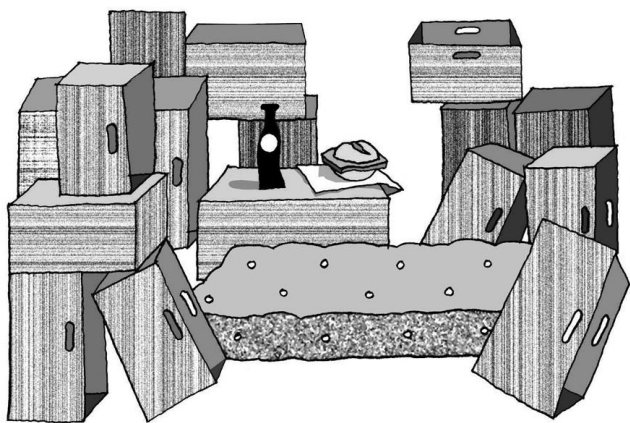
. Como se o infinito de que o céu é feito, apenas ele, com seu azul transparente para que apareça outro azul e depois outro azul e depois outro e mais outro e assim infinitamente, pudesse me preencher.

De repente, a bola do choro trancou na minha garganta e eu precisava disfarçar uma lágrima que insistia em cair.



Manhã difícil aquela! Foi um alívio para todos quando a sineta anunciou que já era meio-dia, que ela já tinha terminado.

Nem por ouro nem por prata



Não podíamos mais ficar fugindo do assunto e, na verdade, não tínhamos feito outra coisa, desde que conversáramos com a dona Lúcia.

Queriam levar o Montanha. — Isso era o fato e ele não dependia da nossa vontade.



Logo depois do almoço, já estávamos todos no campinho.

Agitados, é verdade, mas com muita vontade de falar sobre o que estava acontecendo e, principalmente, decidir o que nós poderíamos fazer.

Assim que chegou, Carlos perguntou para Cláudia como estava o Montanha.

— Eu acho que muito bem. Quando levantou da mesa, o pai foi direto para o armazém e eu pude levar um prato de comida para ele. Estava contente. Até arrumou um pouco as caixas. Ah! E tem outra: o pai resolveu guardar, lá nos fundos, um colchão velho que ficava embaixo do guarda-roupa e o Montanha ficou com uma cama muito boa. Ele bem que está gostando!

— Mas seu Adolpho não o viu? — perguntei meio intrigado.

— Acho que não, ora! Se tivesse visto, já teria posto o Montanha porta afora.

— Ele sabe o que está acontecendo? — perguntou o Carlos.

— Sabe. O Dr. Celestino — Cláudia não pode resistir a uma careta — eca!, o Dr. Celestino esteve lá no armazém, ontem, e eles conversaram por um bom tempo.

— O que ele disse? — foi a vez do Julinho perguntar.

— Quem?

— O teu pai.

— Ele não disse nada de mais, ora! Só que a gente tinha que ajudar o guri e que precisava muito falar com a dona Lúcia.

— Falar o quê? — insistiu o Julinho.

— Ah! Eu não sei. Com certeza essas coisas de adultos. Coisas deles. Também não posso adivinhar, puxa!

Nos olhamos, todos, achando o que não tínhamos coragem de achar.

— E se a gente fosse falar com o seu Adolpho? Talvez ele pudesse nos ajudar — tentei.

— Não! — reagiu Carlos.

Como nós esperássemos mais do que um não, ele continuou:

— É melhor não. Vamos deixar, pelo menos por enquanto, as coisas como estão.

— Por quê? — perguntou a Cláudia.

— É simples, vamos pensar um pouco: se ele souber, pode não deixar que o Montanha continue lá e, se isso acontecer, vamos escondê-lo onde? Logo, logo, o Dr. Celestino e a assistente social o encontram e adeus amigo.

— Espera aí! Seu Adolpho não vai fazer isso se a gente explicar tudo para ele. Isso eu garanto. — E garantia mesmo!

— Eu acho que também garanto — disse a Cláudia.

Gostava quando ela concordava comigo. Me fazia importante. Me tornava mais forte.

— Vamos lá, gente! Seu Adolpho é a única pessoa que pode nos ajudar, a única!

— Mas tem o outro lado — ponderou o Carlos —, se ele souber que o Montanha está lá, na casa dele, e concordar com isso, ele vai se tornar nosso cúmplice.



Não havia nada que eu mais quisesse do que ter o seu Adolpho como cúmplice.

Na verdade, acho que, há muito tempo, ele era meu cúmplice e eu nem tinha me dado conta!

Cresci olhando para ele e querendo ser como ele, aquele alemão grande e forte, cheio de histórias para contar, e que parecia saber tudo da vida.

Se alguém devia me ensinar coisas, queria, sempre, que fosse ele.

Vibrava quando tinha paciência — não era sempre que tinha — e se dispunha a me ouvir falar do meu jeito de ver e viver as coisas, do meu mundo de criança que começava a descobrir que, além da minha realidade, havia uma outra em que a minha fantasia teria de procurar seu espaço por alguma brecha muito pequena; da minha dificuldade de começar a unir as pontas; do meu quem sou eu? e nasci para quê?; do meu sentir em relação a tudo o que conhecia e o medo do que desconhecia; o engraçado; o triste; o curioso. E, então, ia emendando uma na outra assim: umanaoutraumanaoutraumanaoutra, minhas histórias, quase sem parar, sem respirar.

Ríamos.

Emocionávamo-nos.

Brigávamos.

Era para ele que entregava os meus por quês:

- Por que nem todo o mundo tem uma vida igual?
- Por que uns nascem sãos e outros doentes?
- Por que uns são felizes e outros infelizes?
- Por que se vive?
- Por que se morre?
- Por que há chuva com sol?
- Por que a gente gosta mais de umas pessoas do que de outras?
- Por que a gente diz que ama, se gosta?
- Por que as palavras e os números?
- Por que a gente chora com lágrimas?
- Por que...?
- Por que...?
- Por quê?

Às vezes, eu sentia que o deixava em situações complicadas – e confesso que isso até me dava certo prazer –, mas, como raposa velha e experiente, quando não encontrava saída, me contava a história de alguém que tivesse vivido ou visto alguma coisa semelhante à situação que eu colocara e deixava que eu mesmo formulasse meus porquês.

Mas.

Quando eu chorava – e fazia de tudo para não chorar na frente dos outros porque não queria que me achassem um fraco, mas –, quando chorava, naqueles dias meio cinza, sabe, aqueles em que tudo fica sendo um bocado triste, uma grande droga mesmo, ele não sabia o que fazer para me alegrar.

Se falar não bastasse, ele, então, mudava a técnica.

Ora fazia malabarismos com três, quatro, cinco, seis, depois sete laranjas, até que uma delas se desmanchasse no chão e, no inesperado, a gente se desmanchasse de rir.

Ora fazia desaparecer, na minha frente, ovos e balas para reaparecerem em outro lugar.

De repente, saía um chiclé do meu bolso, da minha orelha, das minhas calças, sei lá!

Ele era um mágico e a sua magia produzia seus maiores efeitos dentro de mim: primeiro no coração, depois no meu contato com o mundo, na minha vida.

Lembro uma vez em que a gente fez uma pecinha de teatro com a professora do 3º ano e foi apresentar na praça, na feira do livro.

Toda a cidade estava lá, mas enxergar o seu Adolpho, assim, de repente, e de terno e gravata e tudo, no meio de todas aquelas pessoas! Puxa! Enxergar seu Adolpho me fez querer ser o melhor e por muito tempo achei que fui, apesar da pequenez da minha fala:

“Conta-nos, conta-nos, fada! A magia é de encantar.”

— Bem — seu Adolpho me disse —, um grande ator precisa mesmo começar por alguma coisa, não é?



No ano seguinte, a pecinha era minha, eu tinha escrito e, como tinha escrito, fui logo dizendo para a professora que queria ser o Pedro, o personagem principal.

Cláudia, Ricardo e eu passamos um tempão ensaiando texto, gestos, expressão, tudo. E sabíamos tudo.

Só que...

No dia da apresentação, ali, bem ali em cima do palco, me deu um branco, daqueles que fazem a gente esquecer tudo e eu não conseguia lembrar a minha fala.

Ficamos os três mudos. Parados, no meio da cena, assim:



De vez em quando, a Cláudia me pisava o pé para ver se eu continuava, mas eu não sabia o que dizer. Às vezes, não saber o que dizer parece sina!

As pessoas, primeiro, ficaram em silêncio.

Depois, começaram a rir. — Eu queria morrer!

Depois, então, aplaudiram. — Eu queria sumir!

Dona Adélia subiu ao palco e explicou que seus jovens atores estavam muito nervosos, se desculpou e foi a vez da apresentação do Colégio Particular, enquanto nós três, escondidos em baixo do palco armado no meio da praça, não conseguíamos parar de chorar.

Ricardo e Cláudia, de brabos comigo. Eu, de infeliz.

Hoje, fico pensando que o que me fez esquecer o texto foi ter ficado olhando para as pessoas e procurando pelo meu amigo. Ele não estava.

Pensando bem, eu sempre queria ser o melhor para o seu Adolpho.

Acho que, no fundo, no fundo, o que eu queria mesmo era que ele se orgulhasse de mim.



— E daí que seja nosso cúmplice? — perguntou o Julinho.

— Daí — continuou o Carlos —, como ele é adulto e o Montanha está escondido na sua casa, os outros podem entender que seja um sequestro.

Quando disse “sequestro”, Carlos tinha uma voz bem baixa e um tom grave.

Uau! S-e-q-u-e-s-t-r-o produziu um efeito dentro da gente que emudecemos. Cada um tinha, estampada no rosto, uma expressão diferente. Do medo ao fascínio. Da realidade à aventura. Foi o Ricardo a interromper as fantasias:

— Ah! Que é isso? — perguntou já rindo. — Que sequestro se o Montanha não está preso nem nada, se pode sair de lá à hora que quiser?

— É — disse Carlos irritado. Não gostava de que a gente risse quando estava falando sério. — E será que o Montanha sabe que pode sair de lá quando quiser?

Não sabíamos exatamente o que o Montanha sabia.



Às vezes ele parecia mesmo um bobo, às vezes não.

— Pelo sim, pelo não, acho que não podemos colocar seu Adolpho em perigo! — pulei.

A Cláudia concordou.

— Mas acho, também, que a gente deve ir até lá e falar com o Montanha, contar bem direitinho tudo o que está acontecendo — disse o Carlos.

— Tudo bem — concordou, em parte, o Ricardo —, mas não vamos contar a conversa que tivemos com a dona Lúcia, certo?

— Por quê? — perguntou o Julinho.

— Porque ela tem razão, ora!

— Como assim? — perguntou de novo.

— Nós escondemos o Montanha sem perguntar para ele se queria. Talvez a gente esteja, mesmo, impedindo que ele tenha uma vida melhor, com essas coisas que a gente tem e tudo.

— Ah! Para! A gente não tem nada! — riu o Julinho. — Só o Carlos...

— Cala a boca! — mandou o Carlos.

— Vem calar, então.

— Calma! Deixa eu terminar o que estou pensando — retomou a palavra e a ordem o Ricardo. — Vocês já tentaram trocar de lugar com ele?

Paramos, todos, pensativos.



Que droga ele ter tocado na conversa com a dona Lúcia I.P.E.!
Agora, cada um de nós estava dividido.

Sabíamos que ele tinha o direito de decidir se queria ou não
falar com a assistente social, mas.

Sabíamos, acima de tudo, que não queríamos perder o Mon-
tanha.

Desde que o escondêramos na casa do seu Adolpho, faltava
alguém no nosso dia e esse alguém era ele.

Não tínhamos vontade de brincar, de rir, de nada, a única
vontade era de que o Montanha ficasse conosco.

Nosso rei mandou pedir...
O Montanha eu não dou
Nem por ouro
Nem por prata
Nem por sangue da lagarta.⁴

Queríamos que surgisse, de repente, de algum de nós, um e se
mágico, milagroso.

Esperávamos um pelo outro e esse e se não surgia.

O pensamento, que sempre fora nossa parte mais livre, que po-
dia ir a lugares que até nem se conhecia e trazer e levar e inventar
o tempo e, agora, ele também estava amarrado.



Sentados no chão, na areia vermelha do campinho, tínhamos
os cotovelos apoiados nos joelhos e as mãos aparando a cabeça.



⁴Marré. Passeio cantado. Brincadeira infantil.

Foi então que Carlos propôs que fôssemos ver o Montanha.
Só aí eu me dei conta de como tínhamos medo de fazer isto:
ir ver o Montanha!



No caminho, éramos nossos próprios heróis.
Andávamos como a SWAT, cuidando dos bandidos. Todos os
que encontrávamos na nossa frente eram absolutamente suspeitos.
Em manobras complicadas, passávamos, um pelo outro,
e avançávamos mais um pouco, mais um pouco, um, depois
outro.

Assim: olhando para os lados.

Assim: rolando pelo chão.

Assim: encostados nas paredes.

Perigo! Alarmes tocando em nossa cintura. Perigo! Perigo! Perigo!

— Onde?

— Ali.

Ali era o escritório do Dr. Celestino e passar pela frente do
escritório do Dr. Celestino exigia grande esforço.

Precisávamos estar atentos! Era nosso maior inimigo e, além
disso, se a tal de dona Areta estivesse lá, o perigo seria ainda maior.

Carlos fez um sinal e o Julinho foi.

Abaixou-se para passar em frente da janela, mas, quando
chegou diante da porta, o único jeito foi arrastar-se.

Não.

Não havia ninguém na sala de espera, mas deveríamos ser
rápidos. Mais rápidos do que um supersônico.

Agora!

A um sinal dele, passamos correndo e corremos como loucos
até conseguirmos dobrar a esquina.

Julinho teve que usar a bombinha para respirar.

Já conseguíamos avistar o armazém.

A música da SWAT tocava em nossos ouvidos assim:

. Todo o cuidado ainda era pouco, por isso continuamos nossas manobras de guerra até a porta.

Agora, precisávamos disfarçar, até o cansaço precisávamos disfarçar e fomos entrando como quem não quer nada.

Como estávamos quietos e, diga-se de passagem, extremamente cansados, seu Adolpho não reclamou. Fomos entrando.



Ficamos assustados quando encontramos o Montanha num cantinho, atrás das caixas, tomando um refrigerante e comendo um sanduíche de queijo e salami e tudo.

A Cláudia logo perguntou de onde ele havia tirado aquilo, e, apenas rindo, nos fez entender que seu Adolpho havia preparado para comer, mas tinha vindo buscar algumas caixas e esquecera o lanche lá.

Pensei no perigo se ele voltasse para pegar, mas, no balcão, não me parecera preocupado com isso e, depois, quanto mais olhava para o Montanha e a alegria dele, da Cláudia, do Ricardo, do Carlos e do Julinho, mais ficava emocionado.

Rimos, nos abraçamos, nos empurramos, quase caímos, rimos.

Nem por ouro nem por prata
Nem por sangue da lagarta.⁵

Depois veio o silêncio.

Amontoados entre as caixas, Cláudia me fazia sinal para começar, eu fazia para o Ricardo, que fazia para o Carlos, que fazia para o Julinho, que, não tendo para quem fazer, fazia para o Montanha, que não entendia nada e ria como um bobo e se começava tudo de novo.

⁵*Marré*. Passeio cantado. Brincadeira infantil.

Desta vez, foi o Ricardo quem falou, mas, nem bem começara, já tirara os óculos e franzira os olhos para tentar segurar uma vontade, que vinha vindo, de chorar.

Começou falando da chegada da dona Areta, a assistente social, depois falou da conversa que tivemos com a dona Lúcia I.P.E. e aquilo dele poder ter uma vida melhor e tudo o mais, mas quando chegou na hora em que quis falar sobre o que a gente estava sentindo diante da possibilidade dele ir embora, aí ninguém aguentou mais.

O primeiro a chorar foi o Montanha. O Julinho já estava com a bombinha de Aerolin na mão, o Ricardo diminuiu mais, ainda, os olhos, porque logo incharam, a Cláudia disparou a dizer palavrão, merda! por que tinha que ser assim?, o Carlos ficou sério, quieto, enquanto as lágrimas rolavam. Eu? Ficava só tentando disfarçar. Ora passava a mão nos olhos. Ora no nariz e limpava nas calças.

Agora estava feito.

O Montanha já sabia de tudo. Era dele a decisão.

Ficamos parados. Esperando.

Seu Adolpho gritou, lá de dentro, para que a Cláudia cuidasse um minutinho do balcão porque precisava dar uma saída rápida.



Eu não sei, ainda, por que as coisas acontecem...

Se elas têm que acontecer assim mesmo...

Só sei que nós éramos amigos e amigo é coisa séria.

A gente queria estar junto. Brincar junto, contar coisas, olhar coisas, descobrir e viver coisas junto, crescer junto.

Eu pensava que nós conseguiríamos isso assim para sempre. Acho que porque não tínhamos, ainda, descoberto, no nosso tempo, o tempo do depois. Ele era irreal, como se pudesse existir apenas no sonho e, no sonho, poderíamos fazer o que quiséssemos, e queríamos sempre o que fosse melhor para nós, e o melhor para nós era termos o Montanha por perto.

Ah! Que ser amigo é difícil! – começava a descobrir. É bom porque nos faz feliz, mas também é triste quando nos é doloroso.

Ficava muito deprimido quando a gente brigava, mas, agora, estava descobrindo um sentimento novo, ou seja, o de perder alguém: o sofrer.

Seria isso também aprender um pouco mais da vida?

Acho que sim. E, dentro de mim, os sentimentos se misturavam de novo.

Olhando para o Montanha, ficava pensando – com certeza era o meu diabo a cantar na minha orelha –, ficava pensando se deveríamos, mesmo, ter falado, se não bastava termos deixado escondido por mais um tempo, pelo menos até que a dona Areta cansasse e fosse embora. Era a única maneira de salvá-lo para nós!, mas.

Não! – o diabo se apagou na minha orelha – Não. Talvez o que eu realmente não soubesse, ainda, é que éramos mais, muito mais amigos do que pensávamos.

Agora, ele poderia decidir o que queria. Entregávamos-lhe nosso sofrimento, porém, em contrapartida, ele poderia salvar-se para si e isso deveria, de alguma maneira, talvez com o tempo, talvez ao amadurecermos mais, isso deveria nos fazer felizes.

Volte, volte cavaleiro
escolherei quem quiser.⁶

Tarde demais!

Sem que esperássemos, seu Adolpho e dona Lúcia invadiram o quartinho.

Ao contrário do que se supunha, não estavam, nem um pouco, surpresos de que o Montanha estivesse lá.

Pensei no cobertor, no colchão, na comida. Ai! Como pude ser tão burro? Como pude pensar que o seu Adolpho não sabia de nada? Sabia todo o tempo e até ajudara!

⁶*Marré*. Passeio cantado. Brincadeira infantil.

Carlos tentou logo explicar, mas.

Seu Adolpho disse que não precisava. Sabia que o Montanha estava lá desde o início e, hoje, quando viera até a cozinha para ver o que estava acontecendo conosco, o porquê do silêncio, ouvira, sem querer, o Ricardo falando, por isso fora chamar dona Lúcia, que, visivelmente emocionada, não parava de dizer que se orgulhava da gente.



Não queríamos que se orgulhasse.

Nosso coração só queria ouvir do Montanha que ele ficaria, poderíamos encontrar outro esconderijo e tudo e deixar que o assunto fosse esquecido e tudo voltar a ser como era e.

Seu Adolpho me tocou no ombro:

— Estás pensando bobagem, não é?

Eu não disse nada, mas ele insistiu:

— Não te preocupa, filho, agora vai ficar tudo bem.

Que mania têm os adultos de dizer que tudo vai ficar bem justamente quando tudo está infinitamente ruim!

Eu não queria conversar e ele entendeu.



Nenhum de nós queria conversar.

Queríamos apenas a resposta do Montanha. A decisão do Montanha, que a nossa conhecíamos de cor.

Às vezes o coração diz sim, finge que aceita, quando deveria dizer não.

Um time muito especial



Não consegui dormir naquela noite e acho, na verdade, que nenhum de nós conseguiu.

Havíamos deixado o Montanha com a dona Lúcia e o seu Adolpho e não sabíamos de mais nada.



Eu só queria que o dia clareasse!

Abri a janela, apesar do frio, e fiquei olhando para o céu, aquela escuridão imensa que foi tomando conta de mim e me deixando cada vez mais só, mais só, como se fosse possível ser mais.

Noite, noite, noite, fazer o quê, além de esperar?



Felizmente a Kid Abelha veio me ver.

Bastou que girasse um botão e ela estava ali, na minha janela, devagarinho, me olhando bem dentro do olho, cantando, só para mim, com aquela boca bem vermelha e aqueles cabelos de um louro quase branco, no meu radinho de pilha.

Definitivamente aquela mulher me compreendia e tudo o que eu queria, naquela hora, era ter por perto alguém que me compreendesse.



Talvez eu fosse mesmo um sujeito complicado.

Dona Lúcia dizia que era uma questão de sensibilidade.

Na verdade, às vezes, a realidade não me servia exatamente como era. Queria outra realidade – palavras como justiça, igualdade, liberdade, horizonte, infinito, vida, amor começavam a aparecer de repente, devagar, como se vindas de dentro de mim, começavam a aparecer no meu mundo e começavam, me transformando, a querer transformá-lo – queria, sim, outra realidade, só não sabia, ainda, nem tentar mudá-la nem conviver pacificamente com ela.

Queria que alguém me ensinasse, talvez o seu Adolpho, e por mais que, durante toda a minha vida, lhe tenha cobrado isso, só hoje me dou conta de que as pessoas só podem ensinar até aqui:

. O depois – este estranho limite sem marcas – pertence única e exclusivamente a cada um de nós.

A penugem, entre as espinhas, do meu rosto dizia que a barba não ia demorar.



A vontade que eu tinha era de encostar o meu rosto no da Paula Toller, ali, do outro lado da janela, e ficar assim por muito tempo, de olho fechado, escutando a sua voz macia no meu ouvido, mas.

O locutor da rádio Gazeta nos interrompeu para dizer que amanhã teríamos chuva no final do período e a Kid Abelha não voltou mais.

Minha mãe não me deixou ir ao coleginho.

Com a mão na minha testa, me achou com cara de cansado, amarelo e muito abatido.

— Estás enjoado? E a garganta? Alguma coisa dói? A cabeça?

— Não. Não. Não. Não. — Nada que dissesse seria convincente o bastante para que me deixasse ir.

Ela decidira que deveria ficar na cama e eu, certamente, ficaria, ainda que profundamente curioso e infeliz.



Já se ia metade da manhã quando Ricardo, Carlos e Julinho chegaram. Eles não estavam muito diferentes de mim.

Nos acomodamos do jeito que deu, em cima da cama, e ficamos esperando a Cláudia, decerto ela teria alguma novidade.



Cláudia chegou brigando porque não avisamos que não iríamos à aula.

Tentei explicar, mas ela não queria ouvir, não querer ouvir era bem do jeito dela mesmo!

Só quando se acalmou, depois que todos pedimos cinco mil desculpas, é óbvio, é que conseguimos perguntar pelo Montanha.

Ela, ainda se fazendo de difícil, disse que seu Adolpho e dona Lúcia tinham ficado conversando com ele durante muito tempo. Não sabia o quê. Precisara atender no balcão. Mas seu Adolpho havia dito que ele decidira, mesmo depois de toda a conversa, ficar lá, no quartinho.

— O quê? — Foi um grito só. Vibramos!!! O Montanha decidira ficar no quartinho!

A gente nem podia acreditar!!!

O Ricardo atirou o travesseiro para cima e o Julinho se pôs a pular em cima da cama, como um canguru.

Foi uma gritaria! Por mais que eu pedisse que parassem, porque a minha mãe podia entrar no quarto, eles não me ouviam.

O Carlos ria sozinho e eu, com as duas mãos na cabeça, parecia que ia explodir de felicidade. Era demais!

A gente só parou quando a Cláudia gritou mais alto que, hoje, pela manhã, dona Areta iria conversar com o Montanha.

Não foi um banho de água fria: foi uma avalanche: toneladas e toneladas de neve desabaram sobre as nossas cabeças.



Será que, se a gente conseguisse somar todos os tempos, os de alegria seriam maiores do que os de tristeza?

Às vezes pensava que sim. Às vezes pensava que não. Agora, pensava que não.



— E se nós fizéssemos alguma coisa para impedir? — sugeriu Carlos.

Mas.

Nos olhamos que não havia o que fazer, afinal, tínhamos ou não tínhamos dado ao Montanha o direito de escolha? E isso, por acaso, para cada um de nós, não significava ser mais amigo do que amigo?



Não demorou muito para que minha mãe entrasse no quarto para nos dizer que tínhamos visita:

— Seu Adolpho, dona Lúcia, uma senhora chamada Areta e o Montanha estão na sala.

Nosso coração disparou feito metralhadora e, perdidos em um *e agora?*, nem sequer conseguíamos nos mexer.

— Vocês vão ficar parados aí como estátuas? — ela perguntou.
— Querem falar com vocês!

Fomos saindo, um a um, sem muita pressa e, principalmente, sem muita coragem.

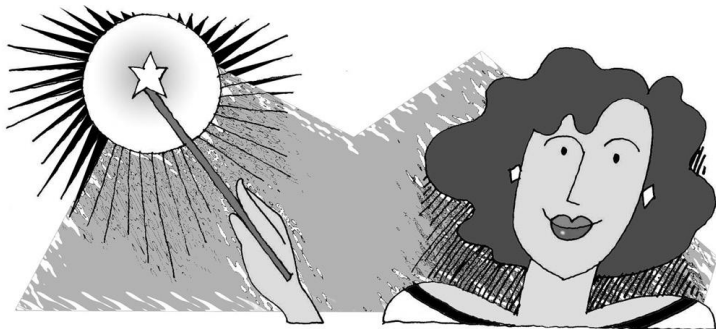


Seu Adolpho foi logo resmungando com a Cláudia porque ela deveria estar no coleginho.

Depois, deu um cascudo leve na cabeça de cada um de nós:

— São uns malandros! — disse com uma voz muito terna, de pai.

Dona Lúcia parecia muito tranquila e nos beijou, um a um, antes de apresentar dona Areta.



Uau! Que mulher! Ao contrário de tudo o que tínhamos feito dela, a assistente social era uma mulher jovem e muito bonita! Era difícil parar de olhar para dona Areta!

O Montanha, por sua vez, estava com a sua roupa de inverno, aquela que tínhamos conseguido e, engraçado, pela primeira vez, senti pena de que ele estivesse com aquela roupa de inverno.

Ele ria, como se estivesse contente, e senti um aperto aqui dentro do peito porque ficou parado ao lado deles: não veio para o nosso lado, como costumávamos fazer.



— Vocês sabem o que vim fazer aqui? — foi dona Areta que começou a falar.

— Levar o Montanha — respondeu, contrariado, o Julinho.

— Eu não diria exatamente assim, diria apenas que vim para ajudar o Montanha... — ela respondeu com muita calma.

A Cláudia, com um olhar de quem queria vê-la pelas costas, interrompeu de um modo muito ríspido:

— Olha aqui, dona, nós já sabemos de tudo. A senhora vai levá-lo para uma vida melhor. Não precisa repetir o que a dona Lúcia I.P.E. já disse — havia raiva e mágoa na sua voz.

A professora fez um sinal para que Cláudia escutasse, enquanto seu Adolpho agarrou, com força, seu braço.

Só dona Areta parecia não se importar com aquela reação:

— Isso mesmo. Entre outras coisas, vamos até tentar descobrir o que é que há com o nosso amiguinho que não consegue falar.

— Nem precisa! A gente gosta dele assim mesmo — insistiu a Cláudia —, a gente entende tudo o que ele quer dizer, não é, Montanha?

O Montanha fez que sim com a cabeça e ela continuou:

— Além do mais, dona, a senhora fique sabendo que ele não é nosso-seu amiguinho, ele é nosso-nosso — e apontou para nós — amigo.

Aí, seu Adolpho não aguentou mesmo e, enquanto ria, disfarçadamente, para dona Areta, apertava com mais força o braço da Cláudia.

— Bem, acho que poderíamos ser todos amigos, já que gostamos de uma mesma pessoa, não é?

O Montanha começou a chorar, dona Lúcia, também, tinha os olhos cheios de lágrima.

— Quando se gosta de alguém — dona Areta continuou —, quando se gosta de alguém, nossa maior preocupação é justamente ver esse alguém bem, não é verdade?

A gente era obrigado a concordar com ela quando a questão era colocada dessa maneira! E era o que fazíamos, apenas balançando a cabeça, que sim, é verdade.

Pensando bem, até que era uma pessoa simpática! Ou pelo menos estava se esforçando para isso.

— E como é que a gente vai ver se a senhora vai levá-lo embora? — perguntou a Cláudia, com as mãos na cintura.

Decididamente ela estava pronta para a guerra!

O Julinho, ao meu lado, teve que usar a bomba de asma, mesmo assim, não achava jeito de ficar quieto. Quem olhasse de longe, pensaria que ele estava dançando ou com vontade de ir ao banheiro.

Os óculos do Ricardo, não sei como, vieram parar no bolso do meu casaco do pijama.

Carlos nem piscava!, poderia jurar que já estava apaixonado pela assistente social e querendo ir no lugar do Montanha.



— E se nós considerássemos assim: se nós considerássemos apenas que o Montanha vai comigo por algum tempo e, se houver alguma possibilidade ou assim que houver possibilidade, o Dr. Celestino prepara toda a documentação para que ele possa ficar com a dona Lúcia?

— Ficar como? — perguntou o Carlos sem tirar os olhos da boca da assistente social.

— Morar com a professora Lúcia, que poderá vir a se tornar responsável por ele.

— Morar aqui? — perguntou o Julinho.

— É. Aqui — ela disse sorrindo.

O Julinho deu um grito e começou a pular no mesmo lugar.

O Ricardo queria os óculos, que não estava enxergando nada.

O Carlos, de um pulo só, se agarrou ao pescoço da dona Areta.

Cláudia começou a dar socos no Montanha e a me empurrar, até que todos nos abraçamos ao Montanha.

Era como se tivéssemos feito nosso maior gol, conquistado nosso melhor campeonato! Foi uma festa!

Dona Lúcia I.P.E. chorava e o seu Adolpho disfarçava, emocionado:

— Estes meninos! Não param de fazer bobagem.

Minha mãe insistia em que precisava ir até a cozinha para passar um cafezinho e trazer uma limonada para as crianças.

●

Foi cafezinho, foi limonada, foi bolo de milho, foi riso, foi choro, foi abraço, foi beijo, foi encontro, foi lembrança de como conhecemos o Montanha, foi o contar toda a história do nosso time, foi a descoberta dessa superforça que é amizade.

– Se ela existe, existe, já, muito mais do que meia vitória, o resto é só questão de trabalho.

Foi o que disse o seu Adolpho e nós, todos, aplaudimos.

Perguntei se estava virando filósofo e ele ficou brabo. Alcançou minha orelha e nós rimos, reconhecendo o velho amigo.

É. As coisas, agora, estavam como tinham de ser.

Logo depois da festa, dona Areta começou as despedidas.

Pensando bem, ela não era, não, uma feiticeira espacial.

Pelo menos, naquela hora, tinha mais um jeito de fada de historinha de criança pequena e tudo o mais.

Como é que a gente muda assim?

Como é que, de repente, do não gostar se faz o gostar?

Será que o gostar vem, mesmo, do conhecer?

●

Não posso dizer, hoje, que tenha sido uma despedida triste, embora a gente sempre ache que as despedidas são tristes... Nem mesmo quando o Montanha embarcou no *fuca* branco de dona Areta.

Acho que a gente não tinha descoberto, ainda, que, às vezes, as pessoas são passageiras na vida da gente.

●

Ao dobrar a esquina, ouvimos o grito rouco e seco do Montanha, enquanto uma mão grande fazia sinais complicados que talvez quisessem dizer:

“Eu vou voltar, esperem por mim, eu vou voltar.”

Eu nunca vou esquecer essa cena! Pensei.

Olhei para a Cláudia e, meio envergonhados – não, meio não, esse negócio de ficar medindo coisas assim como sentimentos, eu já disse, sempre me deixou irritado. O sentimento existe ou não existe e pronto! – olhei para a Cláudia e envergonhados sorrimos: a gente estava de mãos dadas.

Não sabíamos desde quando e isso não era o mais importante. Continuamos assim.

Seu Adolpho viu e fingiu que não viu. Por certo, mais tarde, nos pegaria para uns conselhos. Ouviríamos.

Ricardo, Carlos e Julinho trocaram sorrisos maliciosos e não conseguiram conter um *aí, hem!*, a que não respondemos. Nossas mãos, nervosas, não queriam se perder.

De tarde, quando deixamos o campinho, saímos todos abraçados, como sempre fazíamos depois de um jogo, só quê.

Agora, o Julinho e o Ricardo estendiam o braço deixando um espaço grande entre os dois.

Era o lugar do Montanha, no nosso time, e, por muito tempo, foi assim.

A autora



Cristiane Costi e Silva/
Arquivo da editora

Sempre ouvi dizer que nasci com pressa. Foi em Porto Alegre, num dia 5 de maio, numa segunda-feira, às 15 para as 8 da manhã, quase no corredor da maternidade. Talvez por isso eu esteja sempre pronta para alguma coisa, e essa coisa, eu sei, é viver, mas viver com intensidade, com emoção.

Minha infância foi muito boa, eu diria até uma infância especial. Vivia numa ruazinha em que todos se conheciam, em que os pais cuidavam de todos os filhos e todos os filhos viviam de brincar juntos. Havia brigas também, é claro — e eu era bem brigona! —, mas havia uma amizade muito grande, e, no minuto seguinte, a gente se dava conta de que isso era o mais importante.

A adolescência foi um pouco mais tumultuada. Aprontei poucas (ou muitas) e (sempre) boas. Nessa época, estudava em regime integral no Instituto de Educação, entrava no colégio às sete e meia da manhã e só saía às seis e meia da tarde. Havia, lá, um grupo de teatro, e eu fazia parte dele. Mas aos 12, 13 anos eu era muito magra, muito alta e muito feia — meu apelido era Belém—Brasília, igual à estrada eu era comprida, reta e mal-acabada — e, porque era assim, nunca conseguia o papel de rainha ou de princesa. Era sempre Joãozinho, Pedrinho e, quando tinha bicho, era girafa (e eu odiava ser girafa!). Então, eu pensava, um dia vou escrever uma peça e vou ser a personagem que quiser ser.

Escrevi, mas isso já foi depois, no Colégio Júlio de Castilhos, onde fiz o clássico. E — cá entre nós, a peça não era boa, não — cá entre nós (de novo), ver as minhas personagens vivas, na minha frente, me emocionou tanto que me deu uma vontade danada de ser escritora. Acho que foi aí que tudo começou.

Fiz o curso de Letras na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), na década de 1970. Aliás, muita coisa aconteceu na minha vida nessa época: comecei a publicar meus contos em jornais e suplementos literários, fui Miss Porto Alegre, conheci o Tuti, a gente se casou e teve dois filhos, o Cristiano e a Fernanda. Mais tarde, fiz também o mestrado.

Meu primeiro livro, *Batalha naval*, é um livro de contos e foi publicado em 1981; meu primeiro infantojuvenil, *A cor do azul*, que me deu o prêmio Jabuti de Literatura Juvenil, é de 1984. *Um time muito especial* também me deu dois prêmios muito importantes: o Tibicuera e Livro do Ano, em 1993.

Ah! Mas eu estava falando dos anos 1980. Nessa época, eu trabalhava numa escola pública, no Roque Gonzáles, onde fui professora e depois diretora eleita. Gostei mais de ser professora, porque gosto de gente e, das gentes, gosto da adolescência, da sensibilidade à flor da pele, das descobertas, da inquietação, da “bagunça” mesmo. E, é óbvio, continuei escrevendo. Já publicava em jornais e revistas nacionais e internacionais.

No início dos anos 1990, resolvi dar uma virada na minha vida profissional. Fiz doutorado e prestei concurso para a UFRGS, onde dou aulas, até hoje, para a graduação e para a pós-graduação.

No mais, acho que nasci para algumas coisas bem definidas: para ser mãe, para amar as pessoas e a literatura. No mais, meu avô Quincas sempre dizia uma coisa importante: “Se homem fez, Quincas faz”. Acredito nisso e vou fazendo.



Entrevista



Um time muito especial conta a história de uma turminha que, de tão amiga, está disposta a superar suas carências e a enfrentar qualquer situação. Agora, que tal ler a entrevista abaixo e fazer algumas descobertas sobre a autora Jane Tutikian, essa grande contadora de emoções?

HÁ UM TOM DE MEMÓRIA QUE VEZ POR OUTRA SURGE EM SEU LIVRO. VOCÊ TEM UMA RELAÇÃO PESSOAL COM ESSA HISTÓRIA? QUAL? PODERIA EXPLICAR A DEDICATÓRIA?

- Na verdade, há um tom de memória em todos os meus textos. Não que os tenha vivido biograficamente, eu os vivi emocionalmente, e como! Rio com as alegrias das minhas personagens e sofro com a sua tristeza e, nesse sentido, sempre sou elas, embora elas não sejam eu. É que penso que os textos sempre trazem as verdades essenciais e mais íntimas de quem os escreve, então, estou lá, sim, no *Time*, inteira. Talvez por isso o Osman Lins tenha dito que escrever é uma danação, e a Clarice Lispector, que é uma maldição, mas uma maldição que salva. Assim, minha relação pessoal com *Um time muito especial* é o fato de tê-lo escrito e essa é a mais importante! Além disso, na época em que o escrevi, estava saindo de uma escola em que tinha sido diretora por vários anos e dedicar o livro à criançada do Roque Gonzáles e a uma amiga – a Lúcia –, que lá ficou, foi um jeito de dizer a eles que os amava. E o que é escrever senão uma declaração de amor ao humano que se renova a cada texto? E, se não for, como explicar que um escritor fique fechado entre quatro paredes, durante horas e horas, vivendo de “mentira”, enquanto a vida, lá fora, acontece?

VOCÊ COSTUMA LER OBRAS MEMORIALISTAS? CRÔNICAS, POR EXEMPLO, QUE EXPLORAM, DEPENDENDO DO AUTOR, BASTANTE ESTE VEIO? QUAIS SÃO SEUS AUTORES FAVORITOS NO GÊNERO?

- Adoro crônicas! São textos rápidos, vivos, e cabem, sempre, em qualquer tempo e em qualquer espaço de vida, como emoções escritas sempre renovadas e renováveis. No Brasil, há uma galeria fantástica de cronistas, e amo a todos: Clarice tem crônicas maravilhosas. Carlos Drummond de Andrade e Cecília Meireles foram grandes cronistas. O mesmo se pode dizer de Paulo Mendes Campos, Rubem Braga e Fernando Sabino. Que time!

A TURMINHA DE *UM TIME MUITO ESPECIAL* É FORMADA POR GAROTOS DE FAMÍLIAS MODESTAS, QUE VIVEM NA PERIFERIA E PARECEM ENVOLVIDOS POR UMA RELAÇÃO DE COMUNIDADE BASTANTE FORTE, DIFERENTE DOS QUE MORAM EM BAIRROS DE CLASSES MÉDIA E ALTA NOS CENTROS URBANOS. PARA VOCÊ, QUAIS SÃO OS CONTRASTES MAIS MARCANTES ENTRE ESSES DOIS AMBIENTES?

- Os contrastes são enormes, evidentes e tristes; eles vão desde as condições de vida (alimentação, escolaridade, saúde, comprometimento da infância, com a introdução precoce do trabalho nas classes menos favorecidas) até a oportunidade de vida (o futuro mesmo, o esforço diferenciado que se exige de cada um, nas diferentes classes e, entre eles, os que terão todas as chances e os que nunca terão chance de nada). Mas o lado bonito e o que talvez salve os garotos de periferia é justamente essa relação forte de comunidade, um espírito de solidariedade que, a despeito das dificuldades todas, ainda persiste, mesmo nesta sociedade do século 21 profundamente marcada pelo individualismo.

MESMO COM TODOS OS PROBLEMAS QUE ENFRENTAM, A REPRESENTAÇÃO DESSA TURMA E DE SUAS AVENTURAS SE PARECE MUITO COM AS LEMBRANÇAS CARINHOSAS QUE GUARDAMOS DA INFÂNCIA, DEIXANDO DE LADO TUDO O QUE NOS FEZ OU FARIA DE NOVO SOFRER. A PRÓPRIA EPÍGRAFE NO INÍCIO DO LIVRO SUGERE ISSO. COMO VOCÊ RECORDA SUA INFÂNCIA?

- Minha infância foi mágica e feliz, numa ruazinha estreita de Porto Alegre a que chamávamos – e ainda chamam – de avenida, Avenida Cauduro. Eram casinhas pequenas, coladas umas às outras, em que vizinhávamos tudo: comida, roupa, sentimento. E, de tarde, depois do almoço, no frio intenso do inverno no Sul, nossas mães sentavam nas calçadas – e essa é uma das melhores lembranças –, algumas tricotavam, outras comiam bergamotas, enquanto nós, crianças – em bando –, inventávamos nosso mundo do dia: do circo ao faroeste, dos mais bonitos reinados aos jogos de futebol com bola de meia, do caçador ao ovo podre. E pensar que, naquela época, eu queria ser grande...

Sobre a obra

Em *Um time muito especial*, Jane Tutikian transporta os leitores para um mundo de vivências intensas e emocionantes ao lado de um grupo de jovens que acabam entendendo que o que mais vale no jogo da vida é estar sempre acompanhado e poder contar com amigos de verdade. A autora, que também é professora, demonstra toda a sua satisfação e a sua realização pessoal por meio da história desse time tão especial, pois ela mesma declara gostar de gente e das gentes, da adolescência, da sensibilidade à flor da pele, das descobertas, da inquietação, da “bagunça” mesmo.

Jane tem a receita para

[...] estimular uma **formação ética**, elemento fundamental para a formação das novas gerações, auxiliando os alunos a construir um sentido de responsabilidade para valorizar os **direitos humanos**, o **respeito ao ambiente** e à **própria coletividade**, o fortalecimento de valores sociais, tais como a **solidariedade**, a **participação** e o **protagonismo** voltados para o bem comum; e, sobretudo, a preocupação com as **desigualdades sociais**.

(BNCC, 2017, p. 352)

Assim, a obra literária *Um time muito especial* apresenta uma proposta em concordância com o desenvolvimento das competências e habilidades envolvidas no processo de aprendizagem, em especial na prática de leitura de 6º e 7º anos do Ensino Fundamental – Anos Finais, conforme definidas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Um time muito especial é uma novela juvenil. Esse tipo de gênero se caracteriza pela fluidez das ações, sendo mais rápido que o romance e o conto; entretanto, por causa da sua extensão, é o texto intermediário que se enquadra entre os outros dois, isto é, menor que o romance, maior que o conto. A obra é narrada

em primeira pessoa, portanto por um narrador-personagem, que, utilizando-se de sua memória afetiva, conta a história de um grupo de amigos, na faixa de 12, 13 anos, jogadores de um time de futebol.

Nesta obra, as situações vividas pelos personagens estão adequadas aos temas pertencentes à categoria 1 (6^a e 7^a anos), com enfoque em Família, amigos e escola, retratando, principalmente, as relações de amizade, já que a turma do coleginho faz de tudo para não perder um dos amigos do time, o Montanha; mas também há conflitos com as autoridades, sendo estas representadas pelo promotor dr. Celestino (responsável por anular a final do campeonato); pela assistente social, dona Areta (responsável por levar o Montanha para uma instituição de menores); e pela diretora dona Adélia (responsável por expulsar Cláudia do colégio). Além desses temas, a obra também atende a outros, como Encontros com a diferença: Montanha é um menino abandonado e mudo; Julinho é negro e asmático; Ricardo é míope; Carlos pertence a uma classe social mais privilegiada que os demais; Cláudia é desaforada e mandona; o narrador é um sonhador, cuja vocação é para a poesia. O tema Autoconhecimento, sentimentos e emoções é retratado por meio das emoções e dos sentimentos dos personagens, como amor, alegria, dor, perda, superação, etc.

O visual do time não é de impor muito respeito. Os uniformes foram improvisados e estavam bastante rasgados; os tênis, arrebitados. Os jogadores também não são dos mais comuns. O zagueiro é um garoto tão grande que o apelido é Montanha — o nome dele ninguém sabia, porque parecia não ter casa, era mudo e até havia quem achasse que fosse meio bobo. Há ainda uma menina como armadora no time, um goleiro míope, um ala asmático. O lateral direito é o único que anda todo arrumadinho. E o outro zagueiro não é mais que um sonhador e, por isso mesmo, inscreveu o time no campeonato mirim de futebol de salão da cidade. Mesmo chegando à final, o time é impedido de disputar a partida, acusado de estar fora do regulamento, pelo treinador do time adversário. Em determinados momentos, parece que o resto do mundo está contra eles. Mas é correndo riscos que a amizade e o carinho crescem entre eles, tornando-os um time realmente muito especial.

ISBN 978-854680696-6



9 788546 806966